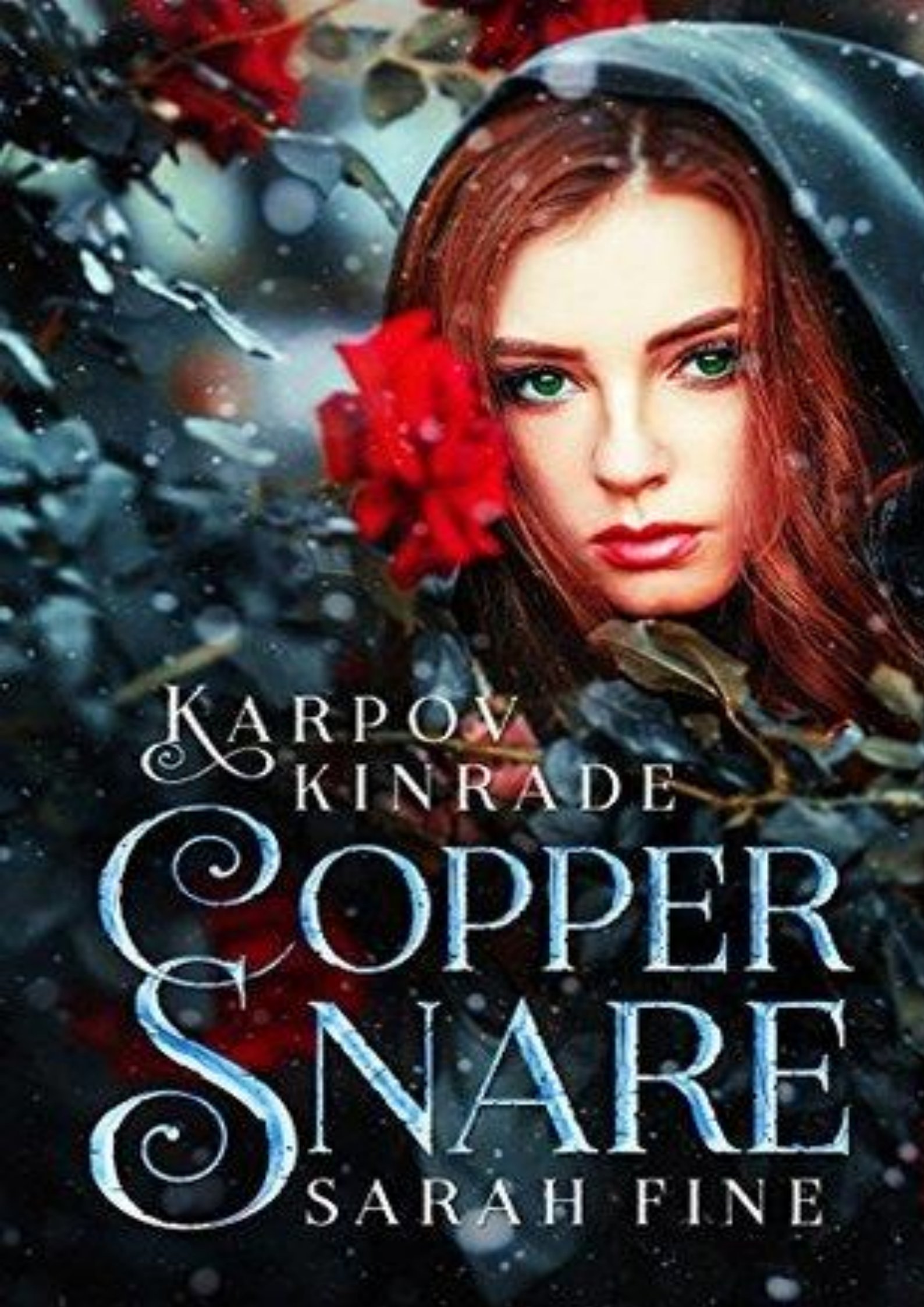




KARPOV
KINRADE

COPPER
SNARE

SARAH FINE



Quando Ace Vane, Príncipe da Preguiça, concorda em criar uma nova arma para seu irmão Fenris, Príncipe da Guerra, ele acaba em uma luta que nunca imaginaria - e seu coração pode ser a primeira vítima.

Ace Vane, Príncipe da Preguiça, está com preguiça de fazer guerra - ele está mais interessado em construir máquinas para lutar por ele. Mas quando ele viaja para Stonehill com uma nova arma mortal para seu irmão Fenris, Ace acaba bem no meio da luta enquanto frustra a ousada tentativa de fuga de uma escrava Fae recém-capturada chamada Malin. Fascinado por sua engenhosidade e inteligência - assim como sua beleza - Ace supera todos os outros no leilão e planeja levá-la de volta ao seu reino como seu Guardião. Mas Malin tem um plano próprio, e envolve devolver Inferna aos seus legítimos governantes: os Fae. E ela não permitirá que ninguém, nem mesmo um príncipe vampiro irritantemente bonito, fique no seu caminho...



Capítulo 1

AFOGANDO AS DORES

“Minhas invenções provavelmente causam mais mortes do que todas as outras coisas combinadas. E eu nem carrego uma espada”.

— Ace Vane

Três dias e a dor não havia desaparecido. Não era uma dor física, não era como bater o dedão do pé em uma bigorna ou errar o prego e martelar o polegar... Não, isso era uma dor na alma, uma dor que o mantinha acordado e perambulando de noite, incapaz de trabalhar, incapaz de descansar. Seus servos e atendentes, já em recuperação após a tragédia que se abateu sobre o reino, ficaram silenciosos e tímidos, caminhando com rostos ansiosos e mãos agitadas, aterrorizados por perturbar seu mestre. Eles dependiam dele para se recompor e liderar.

Mas agora, tudo o que Ace queria era beber e esquecer.

— Outra? — Dean bateu nas costas dele, quase batendo o nariz de Ace em sua taça vazia.

— Sim — disse Ace, olhando através da gruta de prazer iluminada pelo luar para o atendente correndo em direção a ele com uma bandeja, sobre a qual estava empoleirada uma taça da mesma incandescente mistura dourada que rapidamente virava os pensamentos de Ace do

avesso. A mulher estava escassamente vestida, assim como todos os escravos e atendentes no reino de Luxúria de Dean, apenas algumas partes de prata e seda preta cobrindo estrategicamente algumas áreas, destinadas a atormentar. Ace tentou trazê-la ao foco para apreciar mais suas curvas, mas isso fez sua cabeça doer, então desistiu e abaixou o rosto em suas mãos.

Dean riu. — Você poderia ter esta para a noite, se você quisesse. Na casa.

— A mulher ou o vinho?

— Ambos.

— Parece trabalhoso — murmurou Ace. Ele olhou para cima para ver a mulher Fae, cabelos vermelhos separados pelas pontas de suas orelhas pontudas, dando a Dean um olhar incerto.

O Príncipe da Luxúria deu um tapinha no braço da mulher. — Não é pessoal, Letta. Meu irmão está de mau humor esta noite. Você é excelente.

E uma escrava. Dean insistiu que todos os atendentes em seu reino, sem exceção, pudessem recusar clientes em potencial. Ele disse que estavam livres para consentir, livres para escolher. Mas quão real era esse consentimento, dado que alguns deles eram escravos capturados, suas vidas compradas em leilão?

— Não importa — murmurou Ace na palma da mão.

— Você não está divertido esta noite — disse Dean. — Mas eu acho que não posso culpá-lo. Ouvi sobre o acidente. Sinto muito por Riladin. Foi uma péssima falta de sorte, perder um Guardião assim.

Ace gemeu. — Não foi sorte. Eu deveria ter percebido aquela falha de design desde o início. Ele está morto porque eu não percebi.

— Mas ouvi dizer que você conseguiu fazer funcionar a carruagem sem cavalos, mesmo que apenas por alguns minutos.

— Eu nunca deveria ter tentado. Riladin pagou o preço. — Seu fiel Guardião se ofereceu para testar a coisa, e lá estava ele sentado quando o motor explodiu, arremessando estilhaços irregulares de metal pelo pátio, rasgando carne e quebrando ossos. Ace se safou com alguns cortes

profundos ao longo das costelas e coxa esquerda, nada que um curador não pudesse consertar facilmente. Alguns de seus assistentes também foram feridos e ainda se recuperavam na enfermaria. Mas Riladin estava além da ajuda e morreu nos braços de Ace. O velho Fae havia sussurrado que não era culpa de Ace, suas últimas palavras aflitas uma mentira contada por lealdade e amor. E então foi isso, ele se foi, um homem que foi a mão direita de Ace por séculos, desde o Desembaraçar.

Ele precisava urgentemente encontrar um novo Guardião, mas em vez de lidar com isso, em vez de lidar com todo o trabalho de administrar um palácio, um reino inteiro, Ace deixou para seus assistentes e retornou para a terra.

Um erro. Grande erro. Enorme, na verdade.

Dean estava batendo nas suas costas de novo, e o constante empurrão tirava a mente de Ace de seus problemas – mas apenas porque estava rapidamente preenchendo-o com o impulso irresistível de vomitar. Ele se afastou de seu irmão e cambaleou para fora do banco, sabendo que todos na gruta isolada provavelmente estavam olhando.

— Não importa — murmurou ele novamente, segurando as costas de uma cadeira requintadamente estofada. Quando isso tomou muito esforço, ele se jogou no chão. A água borbulhante de uma fonte de mármore nas proximidades não era alta o suficiente para esconder os gemidos de prazer vindo de um casal do outro lado, e Ace suprimiu o desejo de cobrir seus ouvidos.

Com um sorriso, Dean se virou no banco onde ambos estavam sentados. — Você está confortável aí embaixo? Precisa de alguma coisa?

Ace olhou para ele. — Me passe meu copo. — O mal-estar estava diminuindo, e à medida que passava, outras coisas subiam na sua consciência para preencher o espaço. Recordações. Memórias de coisas que estava esquecendo, mas queria desesperadamente lembrar. O esforço estava deixando-o louco. O completo esquecimento era o único alívio. Ele estendeu a mão e mexeu os dedos com impaciência.

— Não sou fofoqueiro — disse Dean quando ofereceu a taça, gotas douradas brilhantes deslizando sobre suas juntas — Mas você não acabou de voltar de um pequeno passeio pela Terra?

Levou cada grama de concentração de Ace para levar o copo à boca sem derramar o conteúdo no colo. — Há três dias.

— Momento estranho, isso, com o falecimento de Riladin e seu povo...

— Não estou aqui para um sermão. — Ace tomou um gole profundo da bebida, sentindo-a formigar até sua barriga.

— Não estou te oferecendo um, irmão. — Dean arrancou uma azeitona da bandeja ao lado dele e a colocou na boca. — Estava apenas comentando.

Ace grunhiu. — Precisei tentar. Eu não conseguia ficar e olhar para os rostos deles, aquelas lágrimas foram por minha causa. — Ele precisava corrigir a falha que resultou na morte do seu Guardião. Parecia tão essencial como respirar. E assim, a esperança brilhando como uma faísca em seu peito, Ace viajou para o limite exterior do reino e passou pelo espelho, de volta à terra da tecnologia, uma magia diferente. Os automóveis eram novos; alguns anos atrás, as estradas largas de Portland estavam salpicadas de estrume de cavalo. Mas era um novo século, uma nova era, e agora essas máquinas fantásticas retumbavam e desciam as ruas, ligando sozinha, controladas por um conjunto de alavancas e uma roda. Apenas com o menor esforço, e um poderia se aproximar tão rápido quanto um cavalo poderia galopar, e por distâncias mais longas, sem ter que parar e alimentar a coisa, sem precisar lidar com a merda.

Apenas se. Apenas se! Ace estava obcecado. Ele estava convencido de que, dessa vez, ele poderia contornar a maldição e trazer essa maravilhosa tecnologia para Inferna.

Sim, apenas se.

Ele pensou ter conseguido. Quão estúpido foi.

Ele retornou a Terra para tentar descobrir onde errou. Ele voltou com esperança.

Ainda estava nutrindo essa faísca quando retornou a Inferna, querendo trazer facilidade e produtividade para o seu povo em luto. Ele sabia por experiência que não poderia trazer de volta os planos ou desenhos – eles se transformavam em cinzas diante de seus olhos – então pagou a um companheiro para deixá-lo passar um dia desmontando um desses automóveis e juntando-o novamente, explorando cada válvula, cada... parte, mas agora ele não conseguia lembrar nem pela vida dele. No momento em que suas botas tocaram o solo deste inferno, o conhecimento que ele tão obsessivamente acumulou nas dobras de seu cérebro começou a escorregar como anteriormente. Ele o agarrou desesperadamente, puxando um pedaço de pergaminho de um dos bolsos em seu cinto, junto com um lápis de carvão. Ele sentou no chão do lado de fora dos maciços portões para os Sete Reinos e tentou reproduzir as plantas para o automóvel enquanto o conhecimento escapava como grãos de areia de um punho cerrado. Ele acabou com bobagens, linhas espalhadas desenhadas por uma mão hesitante, os planos de um tolo. Esperança foi seu erro e loucura foi o resultado.

— Eu nunca voltarei — murmurou Ace, tomando o conteúdo da taça em três longos goles. Dessa vez, o formigamento foi uma queimação satisfatória, prometendo falta de sonhos.

— Oh, vamos lá. A Terra é divertida. Não é tão divertida quanto o meu reino, mas ainda assim. Pensei que você amava ir lá. — Dean levantou do banco e ofereceu uma mão a Ace, mas Ace bateu com um olhar que fez seu irmão bufar de rir. — Você realmente é uma visão patética. — Ele deu um passo atrás de Ace e puxou-o até levantá-lo, antes de guiá-lo para uma cadeira. — Pronto. Isso é muito mais condizente com um príncipe de Inferna.

Ace olhou para o chão. — Eu não quero mais.

— Você não tem escolha.

— Não sou bom nisso.

— Seu povo provavelmente imploraria para diferir. E o resto de nós precisa de você. Então pronto.

— Minhas invenções provavelmente causam mais mortes do que todas as outras coisas combinadas. E eu nem carrego uma espada.

— O que mostra como você é eficaz.

— Ao causar um desastre, você quer dizer.

Dean gemeu. — Ace, você causa facilidade também. Ar frio canalizado em quartos sujos! Chuveiros quentes sempre que quisermos! Madeira cortada, empilhada e seca, fornos que queimam nossa cerâmica, fole alimentado por máquina! Não teríamos metade disso se não fosse por você, querido preguiçoso.

— Não posso fazer isso sem Riladin. — O Fae era o único em quem Ace confiaria para lhe dar um feedback honesto, desde que o resto de seus atendentes ou estavam muito ansiosos para agradar ou não eram capazes de entender seus diagramas complexos e planos. — Sem ele, mais morrerão.

— Talvez devêssemos mandar uma de suas carruagens sem cavalos para as Terras Distantes e deixar os Fae rebeldes experimentá-las — sugeriu Dean, sua risada rápida e afiada. — Fen ficaria muito grato se você livrá-lo da última onda de combatentes. Pode ser a nossa versão do cavalo de Tróia.

— Isso deve me fazer sentir melhor? — estalou Ace.

— Ah. Suponho que não. Mas ainda assim, Fen enviou a notícia de que ele poderia precisar de soldados e armas adicionais. Ele diz que há sinais de outra invasão completa nas obras.

— Fen é bastante alarmista sobre essas coisas. Provavelmente não é nada — disse Ace.

— Você pode desejar, mas sabe que isso não é verdade.

— Bem. Mas Fen parece bem capaz de travar a guerra sozinho.

— Estive lá há alguns dias para ver como ele se saiu. Ele disse que você contou a ele sobre uma nova arma.

Ace colocou os cotovelos sobre os joelhos e esfregou as mãos no rosto. Sua cabeça chapinhava, seus pensamentos tentando desesperadamente permanecer à tona. — Ele deveria ter esquecido que eu mencionei isso.

— É improvável que ele esqueça a promessa de morte feita de longe, algo que pouparia seu povo de mais mortes.

— Ele disse isso?

— Não conseguia parar de falar sobre isso, na verdade. Ele está tão animado que também está interessando Levi. E Levi disse que esse era exatamente o tipo de coisa que o pai esperava ver de você.

— Então é isso o que é preciso para impressioná-lo? Uma máquina de assassinato eficiente?

— Você não percebeu até agora? Para um homem inteligente, você é incrivelmente estúpido.

— Provavelmente não funcionará. Vai explodir e matar todos nós.

— Pensei que você fosse o príncipe da Preguiça, não da Covardia.

Ace levantou a cabeça. — Você acha que insultos mudarão minha decisão? Acabei de ver meu Guardião, meu amigo mais confiável, despedaçado por causa de um erro de projeto que eu deveria ter previsto.

— Então talvez você deva examinar seus planos mais uma vez, irmão, porque Fen está dizendo que precisamos dessa arma, seja ela qual for.

Ace se lembrou da noite, pelo menos há uma lua atrás, quando balbuciou para o Príncipe de Guerra sobre a sua nova invenção. Ele já havia construído um protótipo, estava prestes a testá-lo quando se distraiu pela promessa da carruagem sem cavalos, com o sonho delas zunindo pelas estradas em seu reino, entregando mercadorias, aumentando a eficiência, diminuindo a carga de trabalho, trazendo alegria. Ele ficou muito mais ansioso para focar nisso em vez de um dispositivo projetado para literalmente chover o inferno em seus inimigos, mas ele deveria saber que Fenris pensaria diferente.

— Vou pensar nisso. — Uma coisa engraçada de se dizer, considerando que no momento ele mal conseguia formar um pensamento. Desajeitadamente limpou a baba do canto da boca. Quando olhou para cima, ele percebeu que a criada Fae que Dean lhe oferecera durante a noite o observava por trás de uma cortina transparente. As pontas de suas orelhas pareciam mais longas agora, quase como

antenas, acenando na brisa quente que vinha flutuando do canal. Ela tinha a mão sobre a boca como se quisesse abafar uma risadinha. — Vá em frente e ria — disse ele, soltando as palavras. — Já sei que sou um idiota.

A mulher se afastou rapidamente quando Dean se virou para olhar. — Eu a farei ser castigada — ofereceu. — E se você quiser, pode chicoteá-la com seda trançada. Deixa as marcas vermelhas mais bonitas e é realmente bastante excitante para todos os envolvidos. Letta, em particular, parece gostar disso.

— Eu sou tão bom em seduzir mulheres quanto em projetar auto-auto-auto-moveis — disse Ace. Seus lábios pareciam engraçados e soltos e suas pálpebras pesavam uma tonelada cada.

— Tudo bem, irmão, eu o levarei para a cama. — Dean levantou e içou Ace com ele.

— Você não é meu tipo — resmungou Ace.

— Amanhã vamos a Stonehill.

— Não.

— Sim. E você convocará seus assistentes para trazer a arma.

— Não.

— Sim. E você também começará sua busca por um novo Guardião.

— Não. Espere, o quê? — Ace virou a cabeça, a qual ele estava certo que havia inchado por cinco vezes o seu tamanho normal. Essa bebida dourada era perigosa. — Guardião?

Dean guiou-o para fora da gruta e acenou para um grupo de assistentes Shades, que trouxeram um carrinho branco carregado de almofadas de seda. Com um leve empurrão, Dean derrubou Ace no carrinho. — Uma maneira mais fácil de chegar ao Palácio do Prazer, que é onde você vai dormir. E sim, Guardião. Fenris capturou uma nova safra de Fae, e está prometendo que alguns deles têm habilidades especiais. Eu acho que ele espera que se realizar um leilão o resto de nós irá... E estará mais disposto a contribuir para o seu esforço de guerra.

Ace olhou para o nebuloso céu noturno, rodando com cores e pássaros de penas brilhantes e também sereias. Esfregou os olhos e olhou novamente. Um pouco menos sereias, mas ainda assim. — Não acho que... hum...

— Será um frete smatering.

— Huh? — Ele foi distraído pelas sereias voadoras, que agora se transformaram em tubarões com mandíbulas mecânicas e vapor saindo de suas caudas, e certamente essa foi a razão pela qual soou como se Dean tivesse acabado de começar a falar bobagens. — O que você disse?

— Perguntei se woo rhansayna rubyoo wadda?

Ace piscou para seu irmão, cuja boca ainda se movia, vomitando sílabas sem sentido junto com cobras de cor rubi que escorriam de seus lábios e caíam no carrinho de Ace. Ace bateu nelas com dedos flácidos e descoordenados. — O quê?

Dean olhou para ele com um sorriso. — *Wadda*. Wadda malattenda. Ahboogabba malkotim?

Ace fechou os olhos enquanto a escuridão misericordiosa tomava conta dele. Às vezes, ser um príncipe vampiro requeria muito esforço. O que quer que Dean estivesse perguntando a ele não poderia ser tão importante. Poderia esperar até amanhã por uma resposta.

Por enquanto, Ace, Príncipe da Preguiça, abraçaria o esquecimento com as duas mãos.



Capítulo 2

UM PLANO EM MOVIMENTO

“Você não está desamparado se tiver uma habilidade”.

— Malin

Os grilhões cravaram em seus tornozelos enquanto ela se arrastava pelo pátio, acorrentada aos outros Fae capturados. A jovem garota na frente dela estava choramingando, seus ombros estremecendo, e isso lembrou Malin de como ela deveria estar se sentindo. Ela inclinou a cabeça e contorceu o rosto em uma careta de medo, mas manteve seu olhar se movendo, deslizando sobre os guardas, suas armas, as portas, seus cabelos.

Isso não seria fácil.

Acima dos gemidos baixos e gritos de seus companheiros prisioneiros, Malin se esforçou para ouvir os relinchos de cavalos, os chamados dos homens. Nomes.

Quando Ekan planejou essa estratégia, ele disse a ela que os príncipes viriam, que ela e os outros cativos poderiam atraí-los com a promessa de novos escravos para trabalhar até a morte em seus vários reinos. A julgar pelos gritos vindos do portão principal, a entrada da

praça do lado de fora do Palácio de Stonehill, seu irmão mais velho estava certo. Malin reprimiu um sorriso sombrio junto com um arrepio de medo.

— Eles estão vindo — sussurrou Saana, acorrentada logo atrás dela.

Malin assentiu, com um ligeiro inclinar de cabeça. Alguns prisioneiros à frente, Zoran esticou o pescoço, tentando vislumbrar quem andava do outro lado da linha de soldados que se reuniram ao longo da estrada do outro lado do muro que rodeia este pátio. Então ele caiu de joelhos quando um guarda bateu um taco no ombro dele.

— Olhos para baixo — gritou o guarda para Zoran, com as sobrancelhas baixas de fúria. — Você não tem permissão de olhar para o Príncipe da Inveja!

O guarda cuspiu no Fae.

Zoran se levantou devagar, desta vez mantendo a cabeça baixa. Malin olhou para a espessa linha vermelha sobre o ombro nu, salpicado com a saliva do guarda. O ódio subiu nela como uma maré, ameaçando inundar sua razão. Ela apertou os olhos e respirou, empurrando a raiva para baixo, para baixo, para baixo.

Ela precisava estar fria. Deliberar. Zoran seria o seu exemplo. Seu companheiro não respondeu ao golpe ou o insulto. Ele apenas se arrastou para frente – mas seu corpo magro era firme, e seus ombros amplos estavam enquadrados. Ela quase podia ler seus pensamentos: *logo*.

Logo, todos se arrependeriam. Logo, eles conheceriam o terror.

Logo.

Esse foi o pensamento que a confortou quando os Fae foram levados a uma fila de gaiolas contra a parede do castelo. A maioria já estava cheia e a visão das pessoas lá dentro fez o intestino de Malin apertar. Preso, pálido, aterrorizado. Cada um deles já era escravo do próprio medo.

As portas das jaulas vazias estavam abertas, acolhendo os novos prisioneiros à miséria enquanto os estandartes vermelhos do Príncipe da Guerra acenaram alegremente das muralhas do castelo acima deles. Nenhuma das gaiolas era alta o suficiente para permitir que qualquer um

deles permanecesse de pé. Nenhuma delas era larga o suficiente para permitir que os prisioneiros se deitassem e descansassem. Mas tudo bem por enquanto, só por enquanto. Malin e os outros foram levados da floresta onde foram capturados pelos portões da cidade até a estrada, sob os odiosos olhos maliciosos dos vampiros e Shades deste domínio, e agora estavam atrás das muralhas fortificadas deste palácio, leiloados aos príncipes e nobres. Eles não estavam aqui para descansar.

A menina cambaleante na frente dela começou a soluçar enquanto eram alinhados em frente às gaiolas disponíveis.

— Shh — disse Malin. — Não dê a eles essa satisfação.

Como os prisioneiros capturados anteriormente, essa garota não fazia parte do plano. Ela estava na floresta do lado de fora da parede, provavelmente reunindo cogumelos e ervas para poções, ou talvez caçando pequenos animais para se alimentar ou a sua família. Talvez fosse sozinha, mas Malin achava que era uma aprendiz ou filha de alguém que não se importava o suficiente com o perigo de enviar tal jovem tão perto do reino do Príncipe da Guerra. Em tempos de paz, os portões estavam abertos para permitir que vampiros viajassem livremente, mas em tempos de agitação, como agora, os enormes portões de ferro foram fechados, um sinal de desconfiança e dominação – e de medo, Malin esperava. Mas, de qualquer forma, Fenris Vane ainda enviou grupos de caça para fora do muro para capturar qualquer um que fosse descuidado ou estúpido o suficiente para se aproximar demais. Por que essa jovem corria esse risco? Não fazia sentido, mas não mudava a situação. Essa garota foi capturada, e agora seria vendida pelo maior lance. Assim como Saana, Zoran e Malin.

Ao contrário da menina, no entanto, eles foram capturados de propósito.

— Você será inspecionado em breve — gritou o guarda enquanto seguia a linha, soltando as algemas que acorrentava cada prisioneiro àquele na frente dele ou dela. — Quando chegar sua vez, você sairá da gaiola e ficará parado. Se for dito para se virar, você se vira. Se for dito

para se curvar, você curva. Se lhe disser para abrir a boca, você abrirá a boca. Você fará como lhe é dito, ou vai sentir o beijo do chicote, entendeu?

Malin olhou para a chave do guarda enquanto ele a colocava na fechadura que a mantinha algemada a menina trêmula. Ela viu quando ele virou e mais uma vez lutou com um sorriso.

A mão do guarda disparou e pegou a trança que prendia seu longo cabelo acobreado. Ele a puxou para ele, empurrando seu rosto feio bem na frente de Malin. Ela se viu encarando a cicatriz que corria ao longo da mandíbula, a pele enrugada e sem caroço. Seu hálito cheirava a sangue e vinho quando rosnou: — Eu disse, entendeu?

Ela deixou os lábios tremerem. — Eu-eu-eu... — falou quando ele a sacudiu, fazendo com que o corpo dele batesse contra o seu.

O guarda sorriu. — Se você não entende, eu posso te ensinar.

— Entendi — disse ela em uma voz trêmula, esperando soar assustada. Submissa. — Por favor, não me machuque — acrescentou.

O guarda a soltou abruptamente, fazendo-a tropeçar. — Não me tente.

Ela mordeu o lábio e manteve a cabeça abaixada. Este guarda provavelmente ficaria em apuros se abusasse demais dos prisioneiros antes que seus futuros mestres tivessem a chance de inspecioná-los, e por enquanto isso era uma sorte. — Sinto muito — sussurrou.

O guarda resmungou. — Entrem em suas gaiolas.

Seus pulsos ainda estavam algemados. Isso era inconveniente. Ela esperava ter as mãos livres, mas nisso foi ingênua. Ela entrou na gaiola, inclinando-se quando as barras de ferro roçaram o topo de sua cabeça. Ela se virou assim que o guarda fechou a jaula e torceu a chave na fechadura que mantinha a porta fechada. À sua esquerda, Saana ficou em silêncio. À sua direita, a jovem soluçava novamente.

— Tranquila — sussurrou Malin quando o guarda continuou a descer a fila, desbloqueando os prisioneiros antes de encurralar cada um em uma gaiola.

A garota, com os cabelos de safira emaranhados, as unhas incrustadas de sujeira, encostou a testa nas barras. — Eles vão nos matar.

— Não, eles não vão — disse Malin. — Eles vão nos vender, e depois vamos trabalhar. Quais são suas habilidades?

Seria melhor se a menina estivesse calma.

— Eu-eu... posso fazer uma mistura de poções?

— Qual o seu nome?

— Foria.

— Tudo bem, Foria, a misturadora de poções. Quando eles vierem te inspecionar, esteja pronta para dizer como você pode ser útil. Você não está desamparada se tiver uma habilidade.

— Vou tentar — disse a menina, fungando. — Obrigada.

— Não me agradeça. Apenas cuide de si mesma. — As palavras doíam por sair. Malin odiava isso. Mas sua responsabilidade era muito maior do que qualquer Fae. Além disso, a garota ficaria bem por enquanto. Se fosse competente em poção, ela poderia ser comprada por um nobre ou príncipe que precisasse de um assistente para um curandeiro ou cervejeiro. Até que todos os escravos pudessem ser libertados, Foria seria capaz de trabalhar, viver e ficar segura. Não era uma vida ideal. Certamente não é uma livre. Mas uma vida que poderia ser vivida até que os príncipes fossem esmagados para fora da existência e seu governo brutal terminasse.

Esperançosamente, esse fim chegaria logo.

Era o trabalho de Malin realizá-lo.

Ela não queria estar aqui. Ekan não deu a ela muita escolha no assunto. Mas agora que estava, ela não pretendia falhar. Sua tribo irregular e remendada precisava muito dela. Ela só podia torcer que não estivesse ajudando Ekan a levá-los à sua própria extinção.

Mais uma vez afastando suas dúvidas, Malin envolveu seus dedos ao redor das grossas barras de sua gaiola e olhou ao redor do pátio. O príncipe da guerra, Fenris Vane, claramente não havia julgado nenhum

dos novos prisioneiros como uma ameaça, porque havia apenas quatro guardas de plantão para os vinte deles.

Os guardas não tinham ideia de que três de suas novas capturas estavam ali por escolha. Saana e Zoran se ofereceram, mesmo sabendo que era uma missão suicida. Eles eram leais a Ekan, dispostos a morrer se isso significasse causar a morte de até mesmo um príncipe. E Malin, bem. O fato de não se oferecer para a guerra não importava, não, a menos que ela quisesse se opor a seu irmão como líder da tribo. Ekan havia reunido rebeldes por muitas luas agora, ligando-os a ele com promessas de invasão, de retomar sua pátria, libertar seus irmãos e irmãs escravizados, de cortar as gargantas dos príncipes de vampiros e ver o sangue deles alimentar o solo. Dúvidas foram gritadas. O questionamento foi recebido com ameaças de banimento da única tribo e família que ela conhecia desde que seus pais foram mortos no Desembaraçar. Desde então, os fragmentos das tribos derrotadas se uniram, criaram e cresceram, nutridos por sonhos de vingança. Depois de terem sido Terra, Ar, Água e Fogo, e agora muitos de seus jovens eram um pouco de cada um, suas tradições perdidas, sua herança e histórias esquecidas, memórias desaparecendo como as memórias sempre faziam. Malin só podia torcer que algo novo crescesse dessas cinzas. Esse era seu desejo secreto e frágil.

Mas esta gaiola era sua realidade atual, com uma jovem trêmula chorando baixinho apenas alguns metros de distância – e um plano, uma determinação, um conhecimento de que este dia provavelmente terminaria em sua morte... Mas talvez pudesse trazer um novo futuro para o seu povo. Era o suficiente.

— Temos que ter cuidado com Kal'Halen, o Guardião — murmurou Saana, com os dentes cerrados. — Ele está aqui em algum lugar, e provavelmente sentirá qualquer magia que usarmos. Temos que ser rápidos.

— Quieta — retrucou Malin, olhando para os guardas. — Pare de me dizer coisas que eu já sei.

— Lá vêm eles — disse Zoran, mais uma vez dizendo a Malin algo que ela já sabia, enquanto observava uma grossa porta de madeira ser aberta e dois soldados saírem e se afastarem quando o próprio Fenris Vane entrou no pátio. Ele era alto, com cabelo castanho desgrenhado atravessado por fios acobreados semelhantes à cor do próprio cabelo de Malin. Os guardas inclinaram a cabeça em deferência quando ele passou por eles. Ela nunca viu o príncipe, mas ouviu falar dele, histórias de pesadelo, de sua fria impiedade. Ao seu lado havia um lobo branco, que rosnou enquanto inspecionava os soldados. Mas quando virou os olhos para os prisioneiros, estava curiosamente calmo, embora seus dentes ainda estivessem à mostra. Seu olhar encontrou o dela e segurou, e ela sentiu um estranho tremor por dentro. Não parecia medo, não exatamente. Mais como temor. Desviou os olhos. Ela não sentiria nada pelo animal de estimação de um príncipe vampiro.

— É para isso que eu vim até Stonehill?

A voz sarcástica chamou a atenção de Malin para os homens que estavam agora em frente às jaulas. Não pertencia ao Príncipe da Guerra. Pertencia ao homem de cabelos louros ao lado dele, vestindo uma fina capa de veludo preto, com os lábios curvados em desprezo e os olhos azuis brilhando de ódio. — Eles estão magros e patéticos — continuou o homem.

— Uma pequena e triste estratégia para reduzir o preço, Levi — disse Fenris, parecendo divertido. — Mas vá em frente. Insulte-os se quiser.

Levi. O homem magro e de olhos cruéis era o Príncipe da Inveja.

Outros homens estavam entrando no pátio. Um estava sem camisa e oleado, com cabelos louros escuros encaracolados e um sorriso que falava de vilania em sussurros carnavais. — Oh, admita — disse ele. — Você dificilmente pode culpá-lo. Seus mercadores estão inflando os preços de escravos há anos.

Fenris revirou os olhos. — É um mercado livre, Dean. Se não quiser, não compre.

Dean, o Príncipe da Luxúria. Isso lhe convinha. Sua pele irradiava sexo e desejo, e Malin de repente se perguntou como era o gosto.

— Eles têm alguma habilidade? — perguntou um terceiro homem.

Malin afastou os pensamentos de sangue quente e se obrigou a olhar para o recém-chegado. Este tinha um rosto esculpido como seu irmão de cabelos brancos, mas era ligeiramente mais suave que o de Levi, menos severo. Seu cabelo preto era curto e aparentemente ele passara a mão em consternação, deixando alguns fios levantados. Estava vestido de modo simples, não em um grande manto, embora suas botas de couro fossem boas. Era o cinto dele que prendeu a atenção dela – havia uma bolsa presa a ele que batia enquanto ele caminhava ao longo da fila, e ao lado dela pendiam ferramentas que faziam os dedos de Malin tremerem de curiosidade.

— Ace, nós não devemos inspecionar os prisioneiros até que os outros cheguem aqui — disse Fenris.

Ace, o Príncipe da Preguiça...?

Este homem que agora andava impaciente, quase distraidamente, na frente de suas gaiolas, não parecia preguiçoso em nada. Ele parecia preocupado. — É claro — disse ele brevemente —, eu estava apenas curioso. — Ele olhou para a porta enquanto mais homens entravam no pátio, e seu corpo ficou repentinamente imóvel. — Pai. Eu não sabia que você estaria aqui.

Outro vampiro alto se juntou aos outros quatro. Ele usava uma armadura preta, uma capa carmesim, e tinha o mesmo olhar cruel que seu filho louro-branco. — Então você não estava prestando atenção — disse ele para Ace quando passou por ele sem sequer olhar.

Dean se inclinou para Ace e disse em um sussurro alto: — Eu tentei avisá-lo.

Ace olhou para o irmão. — Deixe-me adivinhar... Só depois que a bebida do diabo me deixou inconsciente?

— Não é minha culpa que você não aguenta o licor — disse Dean, batendo nas costas de seu irmão.

Pode ter sido a imaginação de Malin, mas o Príncipe da Preguiça parecia um pouco enjoado. Desanimado e cansado – talvez fosse simplesmente o resultado do dito licor, ou talvez fosse a tensão óbvia entre ele e seu pai. Isso seria interessante.

Mas não era preocupação dela. Ela enraizou o olhar no peito de Fenris, o Príncipe da Guerra. Era ele quem ela deveria atrair para comprá-la. Ela precisava estar em Stonehill para completar sua missão. Permaneceu tão reta quanto pôde, tão firme quanto pôde, tão destemida quanto o apropriado para um prisioneiro Fae. Estava adivinhando que Fenris queria escravos que pudessem arcar com um fardo, que eram fortes, mas obedientes. Ela era a primeira e podia fingir ser a segunda por enquanto.

— Asher e Niam não se juntarão a nós — disse Lucian, o rei, o autor da queda dos Fae. Aquela maré de ódio estava de volta, ameaçando afogar Malin.

— E Zeb? — perguntou Fenris.

— Provavelmente em algum lugar com o rosto enterrado em uma torta — disse Lucian. Sua voz cheia de diversão enquanto olhava para seus filhos. — Se tivesse o cuidado de vir, ele não teria a chance de comprar um pouco dessa boa carne Fae.

— Carne? É improvável que ele queira comê-los — disse Ace sem hesitação. Sua atenção estava na gaiola no fim da fila. Ele se aproximou e levantou a fechadura protegida que mantinha a porta fechada. — Quem fez isso? Foi Kayla?

— Não — disse Fenris —, por quê?

Ace olhou ao longo da fila, seus olhos percorrendo Malin sem uma pausa. — Nada.

— Você precisa que ela lhe ensine alguma coisa? — perguntou Lucian. — Ou isso seria muito trabalho para o Príncipe da Preguiça?

— Ah, pai — disse Levi e, pela primeira vez, sua voz suavizou. — Ace é tudo, menos preguiçoso, maldição ou não.

— Eu *sou* preguiçoso — disse Ace, mas sua boca formou um pequeno sorriso. — Nunca se esqueça.

— Você sempre diz isso, mas todos nós sabemos melhor — disse o rei. — E será um ótimo dia quando você finalmente alcançar seu potencial. — Lucian voltou sua atenção para os cativos. — Já que ninguém mais virá, podemos fazer essa inspeção e terminar? Estou com fome e gostaria de convocar uma reunião antes do leilão, *sem* uma audiência de Fae.

Fenris fez um sinal para o guarda e o homem abriu as jaulas uma a uma, convidando cada prisioneiro a sair para interrogatório e exame visual. Cada prisioneiro resmungou algumas coisas em tons baixos e assustados, aguentando alguns minutos de escrutínio antes de recuar para a relativa segurança atrás das barras de ferro. Quando foi sua vez, Zoran saiu e ficou em sua altura total.

— Muito bom — disse Dean. — Ele poderia ser excelente no meu reino. Ele seria procurado.

— Sou especialista em marcenaria e feitiços para fazer as coisas crescerem e florescerem — disse Zoran, olhando em frente à medida que a realeza dos vampiros se reunia em torno dele, olhando-o como se fosse uma vaca ou um cavalo. Zoran estava furioso por dentro, Malin sabia, mas ele era muito dedicado à causa para mostrar isso.

— Hmm — disse Dean. — Eu gosto deste.

— Estou precisando de um assistente para o meu zelador — disse Fenris. — Ele pode fazer isso.

— O que seria um desperdício — cantou Dean enquanto se moviam ao longo da fila e Zoran era escoltado para sua gaiola.

Foria foi a próxima. Ela colocou os braços ao redor do peito enquanto saía. Seus olhos estavam enraizados no chão.

— Levante a cabeça — disse o guarda cicatrizado, empurrando o bastão sob o queixo dela.

Foria levantou a cabeça, revelando seu rosto. Era um rosto bonito, olhos grandes, uma boca suave e arcada, pele lisa. Malin ficou tensa contra um pavor frio quando Levi estendeu a mão e acariciou a menina na bochecha.

— Esta é jovem — disse ele baixinho. — Parece não ter experiência.

O pavor congelou como um caroço sólido no peito de Malin.

— Você tem alguma habilidade, menina? — perguntou Ace.

— Eu-eu-eu-eu...

— Ela é muito boa em gagueira — disse Lucian, e todos os vampiros riram. Isso fez Malin desejar ter o poder de atacar todos eles, de forma violenta e sangrenta.

— Poções — disse Foria estridentemente.

— Você sabe alguma coisa sobre cura? — perguntou Fenris.

A garota gaguejou uma resposta vaga e gaguejada, e Levi riu. — Vamos, ela é inútil, a não ser para uma coisa. Vou levá-la e poupar o resto de vocês do problema.

Os olhos da garota se arregalaram e se encheram de lágrimas. Ace e Dean estavam ambos franzindo a testa. — Ela parece que pode trabalhar — disse Ace.

Levi cutucou Ace com o cotovelo. — Não tema. Eu vou fazê-la ganhar seu sustento.

Fenris pigarreou. — Talvez devêssemos prosseguir — sugeriu.

Quando o guarda levou Foria para sua gaiola, a menina começou a soluçar e seus soluços continuaram quando a porta da gaiola de Malin se abriu. Ela saiu com fúria batendo dentro dela como um tambor.

Com esforço, ela fez sua cara ficar frouxa, escondendo-se atrás de uma máscara de estupidez. — Eu sou forte e posso carregar coisas — disse ela, sua voz plana.

— Bem, isso é completamente chato — disse Dean.

— Ela é estúpida? — perguntou Lucian. — Eu acho que esta poderia ter sido atingida na cabeça muitas vezes.

— Todos os Fae são estúpidos — disse Levi.

— Isso é estúpido — disse Fenris. — Você subestimá-los.

Ace resmungou seu acordo.

— Posso levantar coisas — disse Malin, preferindo ser subestimada em vez de ser vista como a ameaça que era. — Sou forte.

— Isso é bom, querida — disse Dean, sua atenção já em Saana.
— Você fala bem também.

Malin engoliu em seco. Ela havia exagerado? Ela queria parecer não ameaçadora, mas útil, alguém que o Príncipe da Guerra poderia querer em seu serviço. Ela levantou os olhos para ver se Fenris estava examinando-a, mas ele também se mudou para Saana. Apenas o Príncipe Ace ainda estava na frente de Malin, a cabeça dele ligeiramente inclinada para o lado, e estreitou os olhos quando encontrou seu olhar. Ela segurou a respiração enquanto ele a olhava, e não afastou até que Dean disse: — Ace! Junte-se a nós ou nunca terminaremos isso antes do jantar.

Ace desviou o olhar de Malin e se juntou a seus irmãos, e Malin voltou para sua gaiola, tentando diminuir o ritmo de seu coração quando a porta se fechou.

Malin agarrou as barras, as palmas das mãos suando, os pulsos acorrentados ardendo, até que os príncipes e o rei saíram do pátio. A luz do dia estava desaparecendo no crepúsculo nebuloso, e os guardas acenderam algumas tochas de ambos os lados da fila das gaiolas, mas não fizeram mais nada para cuidar dos prisioneiros. Evidentemente, esperava-se que os Fae acorrentados se aliviassem onde estavam e tremessem de frio até o leilão pela manhã. Adorável.

A maioria dos prisioneiros estava quieta enquanto a escuridão se aproximava. Os guardas jogavam cartas nas banquetas perto da porta, bebendo de frascos que puxaram furtivamente das dobras de suas túnicas enquanto os cães da cidade uivavam para a noite. Foria chorou, seu terror rastejando ao longo dos ossos de Malin até que ela não pôde aguentar mais. Ela se virou para Saana. — Se a garota ficar, aquele chamado Levi irá destruí-la — murmurou. — Se não o corpo dela, então seu espírito.

— Se ela é muito fraca ou estúpida para se proteger, então é isso que ela merece. — Saana atirou de volta, seus lábios mal se moviam. — Não podemos nos distrair da nossa missão.

— Eu sei. — Mas não parecia certo para Malin. De modo nenhum. Ela desejou poder ser mais parecida com Saana e Zoran; fanáticos,

crentes no direito dado pela estrela de Fae para governar Inferna, tanto que justificavam quaisquer e todas as ações que possam tomar, não importava quão brutal ou sem coração. Seria muito mais fácil assim. — Foria — sussurrou depois de alguns minutos.

A garota não respondeu, mas ela ficou em silêncio.

— Onde está sua família? Quem te mandou para a floresta?

— Eu estava com meu pai quando fomos capturados — disse Foria com uma voz tensa. — Eles o mataram porque ele lutou para impedi-los de me levar. — Ela soltou um soluço baixo.

— Calma — retrucou Malin antes de tentar suavizar seu tom. — De qual parte das Terras Distantes você vem?

— Não sou daqui.

— Claro que não é daqui. Mas se eu fosse ajudá-la a sair deste pátio...

— Malin — disse Saana. — Não se atreva.

— Nada que eu faça impactará a missão — disse Malin bruscamente. Ela encarou Saana com um olhar duro. — E isso significa que você não precisa se preocupar mais. — Com isso, ela virou as costas para a mulher, encarando Foria — Aonde você irá se estiver livre? Ainda que passe pela cidade e saia do perímetro, é um longo caminho até o limite.

Os olhos de Foria eram enormes sob o luar. — Eu conheço um caminho. Tem uma porta. Um Caminho de Pedra.

— Um o quê?

— Silêncio aí embaixo — gritou um guarda, este com uma palha de cabelos loiros. — Outra palavra e vou pendurá-la de cabeça para baixo durante a noite!

Foria se encolheu e apertou os lábios, mas seus olhos estavam implorando para Malin, cheios de terror e esperança.

Isso poderia funcionar, Malin pensou. *Posso fazer isso*. Agora havia apenas dois guardas de plantão, e ambos estavam bebendo muito, sabendo que seus senhores vampiros provavelmente faziam o mesmo dentro do luxuoso Palácio. O timing era ideal.

Enquanto Saana resmungava e Zoran olhava com indignação silenciosa, Malin deslizou os dedos ao longo da cintura de suas calças de couro e puxou cuidadosamente a fina e flexível tira de metal que ela escondia lá. Quando o Príncipe Ace questionou as fechaduras, ela se perguntou se ele havia visto o que ela fez – essas eram realmente fáceis de abrir. Mantendo um olhar atento sobre os guardas enquanto suas cabeças pendiam e um deles soltava um ronco alto, Malin dobrou a tira ao meio e usou as duas extremidades juntas para abrir seus grilhões, depois para pressionar as proteções dentro da fechadura de sua gaiola. Ela embalou o peso da fechadura na palma da mão, pesado e frio, enquanto se abriu. Então deslizou a trava em sua gaiola, com cuidado para não deixar o metal bater contra metal.

Os outros Fae estavam em silêncio agora, embora ela pudesse ler os pedidos em seus olhos. Com a exceção de Zoran e Saana, todos estavam desesperados para escapar. Como seria se certos Fae escapassem enquanto alguns permanecessem em suas gaiolas? Ruim. Suspeito. Foria era a única que foi ameaçada com um tratamento que a mataria de uma maneira que nenhuma espada poderia. Foria era aquela que precisava de ajuda agora.

— Tenham fé — sussurrou ao longo da fila. — Tenham esperança.

Sua esperança era que isso os manteria em silêncio quando ela saísse de sua gaiola e corresse para os dois guardas cochilando. Convocando sua força, ela bateu a fechadura na lateral da cabeça do guarda com cicatriz, fazendo-o escorregar de seu banco e aterrissar em uma pilha na sujeira. Enquanto o outro acordava, ela deu a ele o mesmo tratamento, mas ele teve tempo de soltar um grito antes de um segundo golpe deixá-lo inconsciente. Então derramou a forte bebida que tomavam sobre suas cabeças, esperando que os outros culpassem o álcool em vez dela. Sabendo que era apenas uma questão de tempo antes que outros viessem investigar o barulho, Malin correu para a gaiola de Foria e pegou a fechadura, que foi muito mais rápida de abrir com as chaves dos guardas – ela sempre teve um entendimento aguçado das coisas. Há muito tempo, seu pai lhe ensinara tudo sobre caçar com armadilhas e

arapucas, e o que a interessava mais, muito mais do que a pedreira, era a maneira como as coisas funcionavam, a maneira como peças simples se juntavam para criar algo que poderia pegar uma coisa viva, sustentar uma família, tornar o impossível possível. Em uma tribo cheia de magias desvanecidas e frustradas, ela estava muito mais interessada em alavancas, polias, dobradiças, qualquer coisa que pudesse acelerar o trabalho. Isso a tornou uma excentricidade – e foi por isso que Ekan a escolheu especificamente para essa missão.

Uma missão da qual ela se desviava neste momento, mas ela retornaria logo. Assim que salvasse Foria do Príncipe da Inveja. Ela desmantelou as algemas de Foria completamente, usando sua ferramenta de metal flexível para desparafusar as placas de metal mal construídas e deixar as peças caírem no chão. A jovem Fae pulou da gaiola, toda energia desesperada, e correu pelo pátio, tão rapidamente que Malin teve dificuldade em acompanhar.

— Venha — disse Foria entre respirações irregulares. — Eu sei como nos levar para longe daqui! De volta à nossa terra natal!

— As Terras Distantes estão no limite daqui, e o portão está fechado...

— Não as Terras Distantes!

A jovem escalou agilmente a muralha fortificada, com os dedos delgados e os pés encontrando cada ponto de apoio disponível e ponto de agarrar. Perto do topo, ela olhou para trás uma vez. — Venha!

Malin sacudiu a cabeça. — Vá. Eu não posso.

Com um último olhar frustrado, Foria desapareceu por cima do muro, deixando para trás apenas os sons rapidamente desvanecidos de seus passos.

Gritos de dentro do castelo sacudiram Malin. Alguém acionou o alarme. Ela xingou – ela planejava estar segura em sua gaiola quando alguém percebesse que Foria havia fugido, mas agora era tarde para isso. Seu olhar percorreu o pátio. Saana e Zoran olhavam para ela com raiva e descrença, enquanto os outros Fae tinham vários olhares de desespero

e medo, por saber que a fuga estava além seu alcance agora, talvez se perguntando o que aconteceria com Malin...

Porque agora os soldados estavam entrando no pátio. Agora eles viam seus camaradas caídos.

E agora eles a notaram, enviando um pânico frenético através de suas veias. Por um momento, a missão abandonou sua mente e tudo o que ela sabia era sobreviver. Ela contornou a parede do pátio quando os guardas vieram atrás dela. Quando o primeiro guarda bloqueou seu caminho, ela avançou e agarrou o taco de seu cinto enquanto fazia isso. Ela bateu na cabeça dele no momento seguinte antes de avançar novamente. Ela abateu outro guarda com um golpe brusco de seu pé na virilha, então finalmente chegou a um ponto baixo do muro que levava à estrada principal, onde os príncipes montaram barreiras nos terrenos do palácio. Ela pulou sobre a barreira. Ela faria uma pausa ali, talvez descobrir como resgatar os outros, talvez encontrar uma maneira de completar a missão do lado de fora. Alguma coisa. Ela faria alguma coisa. Agora ela deveria ficar livre.

Seus pés bateram nos paralelepípedos, e logo à sua frente, ela testemunhou um milagre – o portão do palácio estava realmente aberto! Talvez porque eles esperavam um dos outros príncipes, talvez porque os guardas do Príncipe Fenris eram extremamente indisciplinados – ela não se importava. Tudo o que importava era fugir e...

Seu braço se agarrou em algo no meio do caminho, e ela foi puxada para trás. Passos pesados retumbaram atrás dela enquanto olhava para o pulso, agora cercado por um punho de metal ligado a uma corrente.

Uma corrente que estava inconvenientemente ligada a um punho semelhante, envolvendo o pulso de um homem alto que saiu das sombras.

Príncipe Ace. Ele sorriu para ela enquanto levantava o braço, mostrando as algemas. — Eu acho que você achará essas muito mais bem construídas do que os seus grilhões anteriores — disse ele amavelmente enquanto os guardas os cercavam. Ele estendeu a mão,

sinalizando claramente que eles deviam se levantar, e inclinou a cabeça na direção do pátio e as gaiolas. — Vamos?



Capítulo 3

ENCONTRO DE MENTES

“Você está me pedindo para ser cúmplice no massacre de meu próprio povo, e isso é uma crueldade, pior do que qualquer tortura que você possa realizar em mim”.

— Malin

— Eles também têm magia para abrir os cadeados? — perguntou Fenris, claramente irritado enquanto andava de um lado para o outro na sala de reunião.

— Não, a mulher Fae tinha uma ferramenta — disse Ace. Ele riu baixinho e estendeu-a, ainda confuso por sua simplicidade.

Levi olhou para ele. — É isso aí? Isso é tudo o que foi preciso para escapar do domínio do Príncipe da Guerra?

Ele lançou um olhar arrogante para Fenris. — De repente estou muito preocupado com a segurança dos Sete Reinos, se um escravo pode se libertar tão facilmente. Nenhum prisioneiro sairia vivo do meu palácio.

Dean gemeu. — Sim, sim, nós entendemos, você é muito assustador, alguém com quem não se brinca, blá, blá.

Lucian franziu a testa enquanto olhava para o fogo. — Eu quero ter certeza de que entendi. A estúpida garota de cabelo acobreado tentou fugir...

— Eu acho que ela estava mais interessada em ajudar a jovem Fae a partir — disse Ace. — Claramente foi ela quem libertou a garota, e não o contrário. — A Fae de cabelos acobreado havia lutado e cuspidado enquanto Ace a levava para a gaiola, o suficiente para que ele não se sentisse mal jogando-a lá dentro e batendo a porta novamente, nem quando ele fechou uma de suas próprias fechaduras, nem quando ele privou-a da ferramenta que ela usou para abrir a primeira fechadura primitiva. Ele sabia em um instante que seria fácil de fazer... Ele simplesmente não acreditava que algum dos Fae perceberia a mesma coisa.

— Devemos caçar a garota que escapou — rosnou Levi. — Vou percorrer pela área.

— Faça isso se quiser — disse Fenris. — Mas o leilão prosseguirá ao amanhecer, como planejado. Eu tenho outras coisas a fazer – há a notícia de que os rebeldes estão se concentrando nos portões dos Sete Reinos, e devemos estar prontos. — Ele lançou um olhar significativo para Ace, que levantou as mãos.

— Está na barcaça — disse Ace. — Deve estar aqui em um dia ou mais, talvez mais cedo.

— Bom — disse Levi. — Porque o nosso irmãozinho aparentemente precisa de toda a ajuda que ele pode obter. — Com isso, Levi virou e saiu da sala, claramente determinado a pegar seu prêmio perdido. Isto deixou Ace um pouco nauseado ao pensar no que aconteceria com a jovem Fae caso Levi a pegasse, e por um momento, ele torceu que ela escapasse.

— Então, Ace — disse Dean, apoiado em uma mesa, uma taça de vinho na mão. — Como você pegou a criatura que derrotou quatro dos guardas do querido Fen? Nunca te tomei como lutador.

— Eu não sou. Aconteceu que eu estava no lugar certo na hora certa — respondeu Ace. Ele puxou as algemas de sua bolsa e jogou-as

sobre a mesa. — Havia acabado de recuperar estes de um dos meus atendentes, porque ficou claro que o serralheiro de Fen não sabe o que diabos está fazendo.

Fen franziu o cenho. — Ele é novo. Vou ter uma conversa com ele.

— Sim — disse Ace. — Mostre a ele meu design. Forte e leve, impossível de abrir. Mesmo com isso. — Ele olhou a tira flexível de metal que ele tirou da mulher Fae de cabelos acobreados. Examinando mais uma vez, ele mal conseguia reprimir um sorriso – e o que provavelmente era uma ideia absolutamente terrível.

* * *

O sol estava nascendo sobre a montanha quando o leilão começou. Nobres da maioria dos reinos, juntamente com seu rei e quatro de seus príncipes – Levi retornara momentos antes, um olhar azedo de luxúria frustrada e violência no rosto – e se reuniram para licitar. Enquanto Levi abria caminho, Ace ficou atrás, observando como o leiloeiro conduzia um dos capturados; um Fae macho, alto, com cabelos verdes e olhos encapuzados, subindo um pequeno conjunto de degraus até a plataforma de exibição erguida em frente às gaiolas.

Quando o leilão começou, Ace encontrou seu olhar vagando para a fêmea de cabelos acobreados. Ela parecia concentrada no leilão, alheia à sua atenção, então ele se permitiu observar a vontade. Ela realmente era bonita para uma Fae. Seu cabelo era grosso e brilhante, puxado para trás em uma trança prática. Seu corpo era forte, magro musculoso, não indefinido ou fraco. Se ela fosse capaz de ficar de pé – o que era impossível naquelas pequenas jaulas de metal – provavelmente seria quase tão alta quanto Ace, e a pele tinha um tom bronzeado que sugeria dias passados na luz do sol. Suas orelhas... Bem, eram orelhas de um Fae, longas e pontudas, mas elegantes à sua maneira.

Ele piscou quando se viu encarando, e voltou seus pensamentos para a parte dela que realmente o fascinava. A mente dela. Sua incessante atividade era aparente nos olhos aguçados e escuros. Assim que a viu, ele suspeitou que ela fosse mais esperta do que mostrava, e

estava certo. Ela claramente era inclinada à mecânica também, com um sentido natural para as máquinas. De jeito nenhum ela poderia ter aberto as fechaduras tão rapidamente quanto fizera – de jeito nenhum ela poderia dismantelar completamente uma delas, deixando-a em pedaços patéticos no chão – sem um sentido instintivo.

O leiloeiro bateu seu martelo em seu pódio de metal quando o Fae macho alto foi comprado por Fen enquanto o pai olhava amargamente e Dean soltava um suspiro profundo. Claramente foi uma batalha pelo maior lance, e agora... Agora os soldados estavam trazendo-a, seus punhos apertando os braços dela, punindo-a pela noite anterior. Apesar da dor que deveria estar sentindo, ela encontrou o olhar de Fen firmemente quando passou, em seguida, ergueu a cabeça.

— Aqui temos uma fêmea de idade mediana — disse o leiloeiro. — Parece razoavelmente bem nutrida, sem cicatrizes ou marcas aparentes. Dentes bons e saudáveis, e uma construção sólida, sem problemas físicos óbvios que poderiam prejudicar sua capacidade de se envolver em trabalho manual. Capturada ontem e inicialmente dócil. Como os outros do grupo, ela não carregava armas que indicassem que é uma rebelde. — Ele estreitou os olhos para a prisioneira. — Mas ontem à noite, ela tentou escapar. Potenciais compradores devem ser avisados de que ela pode exigir monitoramento e disciplina adicionais para domar. Reivindica ter habilidades em... — O leiloeiro consultou seu pergaminho. — Carregar coisas.

Ace bufou, depois cobriu a boca e apertou a mandíbula com firmeza quando alguns dos nobres deram-lhe olhares estranhos. Quando olhou para a mulher na plataforma, ela não estava decididamente dando-lhe um olhar estranho.

Ela estava encarando-o.

Ele provavelmente merecia isso. Se não fosse por Ace, ela provavelmente estaria livre.

Quando o leiloeiro pediu uma oferta de abertura, houve silêncio por um momento, e Ace subitamente se sentiu como se estivesse na beira de um penhasco, de braços abertos. Foi a sensação mais estranha, o

sentimento mais estranho, quando ele levantou a mão, sinalizando sua disposição em pagar o valor inicial.

Após mais alguns segundos de silêncio, em que a fêmea continuou encarando-o, Ace pensou que poderia tê-la pelo menor preço, e a vertigem estranha subiu nele novamente, fazendo-o sentir como se estivesse prestes a pular para o ar livre. Mas então Levi acenou com a adaga de joias, elevando o lance. E quando o Príncipe da Inveja olhou para ele, quando Ace viu o desprezo feroz que enrolou o lábio de Levi, ele sabia que estava em uma batalha.

A coisa era, Levi não queria a mulher por causa de sua mente, sua inteligência, sua força, sua desenvoltura. Ele nem a queria por sua beleza. Levi queria puni-la por liberar a jovem Fae que ele queria ter e usar. Levi queria mostrar a essa mulher o que acontecia com aqueles que o desafiavam.

Ace amava seu irmão e normalmente não se opunha a ele. Normalmente ele não se importava o suficiente. Mas desta vez? Desta vez importava, mesmo que Ace não soubesse o motivo exato. Tudo o que ele sabia era que ia licitar até não restar mais moedas. Desta vez, ele ganharia a todo custo. Levi continuou levantando o punhal, com mais força a cada rodada, até que estava apunhalando no ar toda vez que ele elevava o preço.

À medida que a voz do leiloeiro aumentava, a velocidade e a emoção aumentavam a cada lance, Ace começou a levantar o braço enquanto mantinha o rosto livre de expressão. Isso não era sobre raiva ou luxúria. Era sobre praticidade. Seria um desperdício terrível quebrar essa mulher. Ela poderia ser tão útil. Poderia ser uma ajudante maravilhosa, Ace acreditava, se ela fosse tratada adequadamente, respeitada por suas ideias. Com certeza ela tentou fugir simplesmente porque não sabia que as coisas poderiam dar certo para os escravos caso cooperassem e mostrassem que poderiam contribuir. Ace tornaria isso possível para esta.

Ele poderia até fazer dela sua Guardiã.

Com esse pensamento, aquele pensamento louco, Ace abriu a boca e gritou um número tão alto que Levi, já pálido, ficou claramente branco. O leiloeiro piscou para Ace, de queixo caído. Fenris o encarou e Dean assobiou, baixo e apreciativo. E o pai deles, o rei, riu. — Pelo menos sabemos que ele é capaz de lutar!

Ace ignorou tudo isso. Ele não se importava. Seu coração estava martelando e ele respirava como se tivesse cavalgado pelo campo como o príncipe demônio que era.

— Vendido — disse o leiloeiro, ainda soando confuso. — Vendido para o Príncipe da Preguiça por uma soma principesca de fato.

Ace sorriu. — Agradável.

Ele olhou para sua nova escrava, esperando que ela sorrisse quando percebesse que ele já acreditava que ela era valiosa, quando entendesse que ele a salvou de Levi. Ela era inteligente o suficiente para saber o que poderia ter acontecido se seu irmão a tivesse comprado; deveria ser a razão pela qual ela libertou a jovem Fae na noite anterior. Mas quando ele encontrou os olhos da beleza de cabelo acobreado, tudo o que viu foi um ódio assassino.

Isso obviamente não iria funcionar como ele imaginou.

Ace engoliu e caminhou até a plataforma, ofereceu ao leiloeiro sua marca, disse para ele recolher a recompensa do assistente-chefe de Ace e pegou a corrente pendurada entre os pulsos algemados da prisioneira. Quando começou a tirá-la da plataforma, Dean deu uma gargalhada. — Você nem pode esperar para levá-la ao seu reino? Ace, seu demônio sujo.

— O quê? Oh. Não. — Disse Ace distraidamente enquanto puxava a mulher em direção a uma entrada lateral para o palácio. — Não estou interessado em nenhuma das outras ofertas aqui, então achei que poderíamos conversar.

— Você quer um guarda pelo menos? — perguntou Fen. — Ela é perigosa.

— Eu sei — disse Ace. — Eu posso lidar com ela.

A mulher rosnou.

Seus irmãos riram.

Ace não estava escutando. Ele estava possuído por uma febre que ele só sentiu algumas vezes, quando estava à beira de um grande avanço, quando estava prestes a inventar algo incrível. Aquele sentimento foi roubado dele com a morte de Riladin, com sua última visita desastrosa a Terra, e agora ele iria reivindicá-lo.

Apesar de seu rosnado e seu olhar que dizia que este era o último lugar que ela queria estar, a Fae não resistiu enquanto ele a guiava por degraus de pedra até o quarto de hóspedes que Fen providenciara. Claramente seu irmão mais novo queria muito a nova arma, pois ele havia dado a Ace a melhor iluminação de todos os quartos, e havia colocado uma mesa grande bem em frente a uma das janelas para ser usada como espaço de trabalho. Ace já havia exposto muitos de seus diagramas e planos através da ampla superfície de madeira, sabendo que seus irmãos poderiam estar interessados em investir em alguns deles para seus próprios reinos. Ele puxou a mulher para seu quarto, direto para a mesa.

Ele olhou para ela com um sorriso que desapareceu instantaneamente. — Não tenha medo. Não vou te machucar.

— Você pode tentar — disse ela em voz baixa e ameaçadora. Mas seus olhos estavam arregalados e corriam – para a janela, para a porta, para o arco que levava ao banheiro, para a estante que ela não poderia saber que escondia uma passagem para as cozinhas... Poderia?

— Mas não vou tentar. — Ele mergulhou os dedos na bolsa que pendia do cinto e tirou a chave mestra. Enquanto ela olhava com suspeita óbvia, Ace abriu as algemas e as jogou na mesa. — Eu não trouxe você aqui para dormir com você ou qualquer coisa assim. Você não tem nada a temer de mim.

— Por que você me comprou então? — perguntou ela, esfregando as marcas vermelhas em seus pulsos e estremecendo.

As sobrancelhas de Ace se levantaram. — Você não consegue pensar em nenhum outro motivo além do estupro? O que você acha que eu sou?

— Um proprietário de *escravos*?

— Ah — disse Ace, esfregando o queixo. — Bem. Suponho que isso seja justo. Mas não estou interessado no que há entre suas pernas, mas entre as suas orelhas.

A mulher ficou boquiaberta e, de repente, ele se perguntou se havia dito algo ofensivo. Ele fazia isso, às vezes. Geralmente acidentalmente, porque as graças sociais exigiam esforço, e o esforço não era sua especialidade. — Entre minhas orelhas?

— Seu cérebro, é claro.

Seus olhos se estreitaram. — Você não pode ter. Eu vou morrer antes de deixar você pegar.

— Eu... Não estou sugerindo que eu queira removê-lo — disse ele com uma risada desamparada. — Só quero usá-lo.

Ela deu um rápido passo para trás. — Você é louco.

— Não falei em usar literalmente! Eu só... — Ace fechou os olhos, cansado de repente. Mas acabou de concordar em pagar uma quantia enorme, quase dolorosa por esta Fae, então ele precisava fazê-la entender, embora preferisse poder se deitar e tirar uma soneca. Ele passou a mão sobre os planos e desenhos na mesa. — O que você acha?

A mulher franziu a testa e olhou para a mão dele. Ele apontou para um dos diagramas, que por acaso era para uma máquina de arco que poderia disparar dois grandes dardos centenas de metros com o mínimo de força. Uma fileira deles poderia ser capaz de destruir uma linha inimiga enquanto mantinha os soldados fora do alcance das flechas menores dos arqueiros Fae.

Ela olhou para o desenho. — Você quer saber o que eu penso sobre isso?

— Sem reservas. — Para a maioria, pareceria um amontoado de linhas e números, apressadamente esboçados, apagados e desenhados novamente. Até mesmo Fen, habilidoso na arte da morte e do combate, não sabia o que era no começo.

A mulher olhou para os planos por vários segundos e Ace sentiu uma pontada de desapontamento. Talvez abrir fechaduras fosse a extensão de sua esperteza? Então sua testa franziu, e ela disse: — Eu

acho que é repugnante que você gaste seu tempo desenhando coisas destinadas a matar pessoas.

Ace fez uma pausa, sem saber como traduzir os sentimentos conflitantes da guerra dentro de seu peito. — Outro ponto justo. Mas... Talvez você pudesse esquecer o que deveria fazer e se concentrar no *design*? Você tem alguma opinião sobre sua eficiência? Ou se realmente funcionaria?

— Você não pode estar falando sério. Por que você está me perguntando isso?

— Eu quero entender como sua mente funciona. Como você descobre as coisas.

— Por que você se importa? Você nem sabe meu nome.

Ace inclinou a cabeça. — Isso foi rude da minha parte. Não sou muito bom nisso.

Ela suspirou, e ele poderia estar sonhando, mas poderia jurar que um sorriso relutante estava puxando seus lábios carnudos. — É Malin.

— Malin. Esse é um bom nome. Eu sou Ace.

— Eu sabia.

— Sim. Faz sentido que você sabia. Agora, Malin, aqui está a coisa. Posso ver que você é inteligente e eu gosto disso. É a qualidade que mais valorizo em meus súditos e...

— Seus escravos?

— Hum. Sabe... — Em seu reino, os escravos sempre foram gerenciados por Riladin, que foi instruído a mantê-los bem tratados, alimentados e descansados, para que pudessem trabalhar de forma eficiente transportando os materiais que ele precisava para criar os tubos, trilhos, parafusos, porcas, parafusos, alavancas, polias, dobradiças, manivelas, engrenagens, cordas, rodas e outros componentes diversos que ele precisava para produzir as conveniências de que todos os outros domínios em Inferna dependiam.

Ele nunca se perguntou se aqueles escravos eram espertos. — Nunca pensei muito sobre eles, para ser honesto.

— Claro que não — retrucou Malin —, eles são apenas escravos, afinal de contas. — Ela cruzou os braços em seu peito e levantou o queixo. — Você não terá meus pensamentos, Príncipe. Você está me pedindo para ser cúmplice no massacre de meu próprio povo, e isso é uma crueldade, pior do que qualquer tortura que você possa realizar em mim.

Ace limpou a garganta. Isso não parecia ir bem, mas ela não estava gritando com ele ou tentando matá-lo ou tentando escapar, então talvez fosse melhor do que ele pensava? Ele não tinha ideia de como dizer, então ele impacientemente arrastou os planos da máquina de arco para o fundo da pilha bagunçada e espalhou alguns outros desenhos na frente dela. — Que tal estes?

Malin se concentrou em um dos diagramas, que Ace rapidamente desenhara após acordar de um sonho magnífico cheio de metal, couro e vidro. — Não temos coisas assim de onde eu venho — murmurou ela. Seus finos dedos traçaram as engrenagens, as pequenas molas enroladas, a curva de uma tigela de vidro, o sílex e o aço, o óleo e seu pavio. — Este braço – a energia desta bobina de metal o solta e atinge o sílex contra o aço, acendendo a lanterna. Não é?

Ace sorriu. — Sim! Em um temporizador. Se quiser acordar cedo, você pode configurá-lo quando vai para a cama, e iluminará a escuridão quando chegar a hora de se levantar.

Malin parecia totalmente absorvida no diagrama, inclinando-se sobre ele, o rosto perto das figuras que ele havia desenhado com tanto entusiasmo, seus dedos acariciando-as de uma forma que ele quase podia sentir em sua própria pele. Ele reprimiu um súbito arrepio de prazer.

— Mas como você sabe quando vai levantar? — perguntou ela. — Não há magia nisso tudo?

— Bem, nenhuma magia Fae — respondeu ele, trabalhando duro para manter o orgulho fora de sua voz – que era Maldição de Asher, não de Ace. — É tudo sobre energia armazenada.

Ela tocou a mola. — Aqui é onde está armazenada. A tensão e seu lançamento.

Ace se sentia um pouco como aquela mola no momento, seu corpo espiralando mais forte a cada segundo. — Você está absolutamente certa. Você a enrola... Aqui, vê? — Ele tocou o botão que permitiria ao usuário manivelar a tensão na mola para o nível necessário, e depois o desenho do invólucro de pequeno barril que rodeava a mola e então as minúsculas rodas dentadas ligadas a ele. — E esse barril transfere essa tensão para as rodas... É isso que alimenta o cronômetro.

Malin soltou uma gargalhada e Ace reconheceu o som imediatamente – prazer. Ela tocou uma roda entalhada ligada aos outros, em seguida, passou o dedo ao longo dos delicados pallets do tipo gangorra que se encaixam os entalhes. — E é isso que impede que todas essas rodas saiam de controle! Isso sobe e desce, deixando a tensão sair passo a passo até que a energia seja gasta durante certo período de tempo! — Ela riu de novo, e Ace não apenas ouviu – ele sentiu a ressonância profunda dentro de seu peito. — Ace, isso é brilhante!

Ace agarrou a mesa, incapaz de limpar o sorriso de seu rosto. — Eu acho que poderia funcionar, se as peças forem cortadas simplesmente do jeito certo.

Ela assentiu, sua presença vibrando com excitação palpável. — Sim, mas somente se você reduzir a circunferência deste cilindro aqui. Não sei nada sobre números e somas, mas parece grande demais para mim.

Ace examinou os cálculos rabiscados em sua mente, revendo os passos que seguira para descobrir quão grande o conjunto de equilíbrio precisaria ser para medir com sucesso cada tique de energia. — Bolas de demônio. Você está certa. — Ele levantou a cabeça e olhou para Malin. O rosto dela brilhava de excitação, com a emoção da descoberta, o rubor da vitória, da exploração.

Cada parte dele foi despertada pela visão. O corpo dele. A mente dele.

Seu coração.

Ele piscou. Riu. Virou e passou a mão pelo cabelo curto. O que aconteceu com ele? Ele acenou para os planos. — Sinta-se livre para

olhar os outros. Eu cometo erros o tempo todo. Também sou preguiçoso para conferir, sabe. — Sua alegria foi amortecida pela memória de seu Guardião. — Pode ter consequências fatais. Preciso de toda a ajuda que posso conseguir para evitar que minhas invenções explodam na minha cara. — Ele suspirou. — E de ferir o meu povo.

Ele se virou para encontrá-la olhando para ele, seus olhos escuros sombrios. — Você não é como eu esperava — disse ela silenciosamente.

— O que você esperava?

— Alguém cruel e perverso.

— Suponho que seja fácil demonizar seu inimigo, especialmente quando ele é, na verdade, um demônio. Mais difícil fazer quando você está cara a cara, no entanto. — Ele dera alguns passos mais perto dela, mesmo sem perceber. Mas agora que ele estava ciente, era tudo o que podia fazer para não fechar a distância completamente. — Você não é como eu esperava também.

Ele não havia previsto alguém que faria seu coração disparar assim, que tornaria seus pensamentos uma tempestade de querer e desejar. E isso aconteceu tão rapidamente, como a luz da inspiração. Ele engoliu em seco e falou a visão esperançosa que se desdobrou em sua mente, excluindo qualquer dúvida ou questionamento. — Acho que poderíamos fazer grandes coisas juntos.

Suas sobrancelhas se ergueram e suas bochechas bronzeadas escureceram lindamente. Ela abriu a boca para falar e Ace sentiu como se sua própria vida e futuro dependessem de suas próximas palavras.

— Ace — gritou uma voz de sua janela. Era Fen, chamando do pátio abaixo. — Está aqui!

Ace correu para a janela, abriu o vidro manchado e se inclinou sobre o peitoril de pedra. O sol do meio da manhã banhava a praça em luz suave, revelando a enorme máquina que estava sendo conduzida pelos portões principais do castelo. Fen ficou com um grupo de seus soldados, que olhavam boquiabertos a imponente máquina. Seu lançador, já pendurado baixo com uma carga útil de amostra, foi suspenso com correntes pesadas de um feixe de madeira tão grossas

quanto um homem adulto e três vezes mais longo. A manivela automática – conectada ao motor que encurtaria os intervalos entre os disparos e aumentaria o alcance da arma dupla – ressaltada de dentro da armação, sua elegante carcaça de cobre brilhando sob a carícia de raios de sol. O contrapeso, um pedaço de ferro precisamente pesado e posicionado, lançava uma sombra sombria e ameaçadora. Atrás do trabuco vinha um carrinho carregado de pedaços de carvão para abastecer a máquina mortal, junto com barris cheios de arames farpados de ferro que enchiam as bolas de metal ocas, especialmente soldadas para que o trabuco lançasse em suas desavisadas vítimas.

Ace de repente estava dolorosamente ciente de que Malin havia se pressionado ao lado dele. Seu corpo quente e flexível estava contra o dele, e seu cheiro de terra selvagem estava em seu nariz... E seu rosto adorável estava desenhado com horror absoluto. Eles poderiam olhar para o mesmo objeto, mas era evidente para Ace que eles viam duas coisas muito diferentes.

Malin se virou para ele, e sua expressão se transformou de um momento antes, quando parecia tão apanhada no êxtase da descoberta. — Parece que a grande coisa que você quer fazer, *Príncipe* — disse ela, cuspiendo seu título como uma maldição, mostrando seus dentes como um lobo —, é assassinar tantos Fae quanto você possivelmente poderia. E eu morrerei antes de te ajudar a ter sucesso.



Capítulo 4

A ARMADILHA E O OBSTÁCULO

“Suponho que seja fácil demonizar seu inimigo, especialmente quando ele é, na verdade, um demônio”.

— Ace Vane

Malin sentou no canto do quarto de pedra, olhando para as brasas na lareira. Ela tentou não olhar para Ace, que durante a última hora havia se esparramado, desatento e adormecido, na cama apenas a alguns metros de distância. Tentou não ouvir a respiração dele, profunda e segura, engatando ocasionalmente como se ele tivesse sido surpreendido por algo em seus sonhos. Tentou não imaginar esses sonhos, provavelmente fantásticos e frenéticos, coloridos, caprichosos e agitados, zumbindo, tilintando sem parar em um império de som e brilho. Tentou não sorrir quando pensou no rosto dele e como ele se iluminou quando ela criticou seu design. Ele não ficou irritado ou magoado quando ela encontrou um erro. Não a dispensou simplesmente porque ela não tinha nenhum ensinamento sobre as formas dos números. Não, ele parecia em êxtase. Esperançoso.

Cativante.

Adorável, até.

Ugh. Este era o sentimento que ela não podia ter.

As algemas feriam seus pulsos; ele as colocou de volta após a declaração de que ela preferia morrer a ajudá-lo a matar seu povo. Ele parecia relutante, quase triste, mas ainda assim ele fez isso. Ele acorrentou-a a um anel de metal embutido na parede de pedra, e a deixou por horas para refletir sobre todas as maneiras que ela havia falhado enquanto foi jantar com seus irmãos e pai e todos os nobres que compraram seu povo como gado.

Ela deveria ter sido comprada por Fenris Vane. Deveria estar no trabalho, completando sua missão com Saana e Zoran, ambos comprados por Fenris. Em vez disso, ela bagunçou de novo e de novo. Primeiro, libertando Foria e não voltando para sua gaiola antes de ser descoberta, que foi o que tornou Malin interessante para o Príncipe Ace, e o que a trouxe aqui em vez de com os outros. Então ela estragou tudo de novo, começando a gostar do homem, deslizando tão facilmente em seu reino de gênio caótico simplesmente porque ela parecia pertencer ao lado direito dele. Por alguns momentos, ela nem percebeu que havia entrado em uma armadilha. Ela se apaixonou por aqueles desenhos, que carregavam seu próprio tipo de magia, que lhe mostrara coisas que ela nunca imaginou, mas que de alguma forma parecia familiar, possível e perfeito. Inexplicavelmente, ela começou a se apaixonar pelo vampiro que os imaginara. Agora ela foi pega na armadilha, tentando encontrar uma maneira de se libertar.

Seu povo tinha uma palavra para esse sentimento de conexão, uma tão rara que Malin nunca chegou perto de experimentá-lo em sua vida muito longa. *Karasi*. Mas de jeito nenhum esse príncipe vampiro poderia ser o escolhido, o espírito do seu próprio coração. Esta era uma falha nela, uma ilusão causada pelo medo e pelo estresse. Precisava acabar com isso antes que cometesse outro erro – como quando disse a ele a verdade de seus sentimentos sobre a monstruosidade que ele havia criado.

Isso a protegeu de falar outra verdade em voz alta, a que ela estava prestes a deixar escapar, antes que a arma fosse levada para o pátio:

Sim. Eu quero construir algo com você.

A arma a lembrou porque isso teria sido um erro terrível. Mas ela deveria ter fingido. Deveria ter ficado em silêncio. Se tivesse ficado, ela não estaria sentada aqui, algemada e indefesa.

Ela já havia tentado abrir a fechadura com outro pedaço de metal flexível que usava na blusa antes de embarcar nesta missão. Ela tinha algumas dessas ferramentas escondidas em suas roupas, conhecendo a situação em que provavelmente se encontraria. Mas as fechaduras de Ace eram imunes a abertura, e então aqui estava ela. Sem utilidade.

Quente, no entanto. Ace havia enrolado um cobertor de sua própria cama em volta dos ombros dela quando ele entrou cambaleando pouco tempo atrás.

E a alimentado. Ele colocou na frente dela um prato de pão, queijo, carne e, inesperadamente, frutas, e resmungou alguma coisa sobre como ele não queria que ela morresse de fome. E não eram pedaços também. Era comida tão boa quanto ela já viu, apta para a realeza.

Ela comeu, porque precisava de sua força. Ele também colocou uma taça de vinho ao lado do prato, mas uma fungada disse a ela tudo que precisava saber sobre isso. Ela poderia ser indefesa e inútil, mas Saana era muito óbvia no trabalho. Para qualquer outro nariz, poderia cheirar a vinho, mas para aqueles criados nas vastas florestas das Terras Distantes, o leve cheiro de extrato de yula era detectável. Um pouco doce, um pouco amargo e muito potente.

Ace claramente teve um pouco disso, pois seu sono era pesado como uma pedra.

A porta do quarto de Ace se abriu e Malin olhou para cima para ver Zoran entrar no quarto; movimentos seguros, fortes e urgentes. — O irmão de cabelos brancos, Levi, partiu hoje à noite, junto com o Rei Lucian — disse ele enquanto se ajoelhava diante dela e examinava suas algemas. — É uma pena, eu teria adorado cortar as gargantas deles. E o Príncipe da Guerra não participou do vinho – ele deixou os outros no jantar e cavalgou do castelo com o seu Guardião para inspecionar a muralha da cidade.

— E os outros?

Zoran suspirou. — O Príncipe da Luxúria bebeu da poção, mas foi para o seu quarto assim que terminou de comer e trancou a porta. Paranoico, suponho. — Ele lançou um olhar desdenhoso para Ace, deitado de costas na cama. — Este não foi tão cauteloso, e isso é bom.

— Ele tem a chave para minhas algemas em sua bolsa — disse Malin, tirando o cobertor de lã macia que Ace havia enrolado tão gentilmente em seu corpo tremendo. — Depressa. Traga para mim.

Zoran fez o que ela pediu, retornando com a bolsa inteira. Malin tirou a chave que ele havia usado antes – a bolsa estava cheia de ferramentas com outras chaves e uma miríade de peças de metal estranhamente moldadas, claramente feitas por Ace. Suprimindo o desejo de juntá-las em suas mãos, para segurar cada uma delas e girá-las sob a luz, examinando cada curva e ângulo, ela se libertou e se levantou. Zoran encontrara uma lima de aço afiado em uma caixa de ferramentas ao lado da mesa de trabalho, e ambos se aproximaram do adormecido Príncipe da Preguiça.

— Devo matá-lo, ou você quer fazer as honras em troca do que ele poderia ter feito para você? — perguntou Zoran.

Malin soltou um suspiro trêmulo e pegou a lima comprida e afiada de seu companheiro. — Eu faço isso. Fique de guarda no corredor. Eu sairei assim que terminar.

Zoran fez uma pausa, encarando-a. — Você não tem experiência em matar. Tem certeza...?

— Tenho certeza absoluta. — Ela levantou a arma. — Eu vou acabar com o Príncipe Ace da maneira que ele merece.

— Depressa. Temos muito a fazer.

Malin deu-lhe um aceno rápido e observou Zoran caminhar para a porta. Então ela mordeu o lábio e inclinou-se sobre Ace. Ela acariciou os planos suaves de seu rosto. Quem quer que tenha o projetado fez isso com eficiência devastadora, como se essa divindade ou demônio soubesse exatamente como destravar todos os lugares suaves e vulneráveis no coração de Malin. Ela deitou a testa na dele. Pressionou a palma da mão

contra o peito dele e sentiu seu coração forte e firme. Ela sorriu enquanto olhava para a testa dele, ligeiramente franzida, como se estivesse intrigado com um cálculo, e seu cabelo, bagunçado de quando ele arrastou a mão por ele em frustração. — Em outra vida — sussurrou.

Ela se afastou dele rapidamente e levantou a manga de sua camisa, em seguida, passou a lima por seu próprio antebraço. Era uma ferida superficial, mas sangrou prontamente, e Malin atou rapidamente uma tira de pano ao redor, arrancado dos lençóis do príncipe. Quando terminou, ela puxou a manga para baixo, permitiu-se a olhar para Ace uma última vez, pegou a lima e saiu correndo.

Quando chegou ao corredor e encontrou Zoran esperando, ela levantou a lima, o sangue escorrendo em sua borda. — Está feito.

Zoran sorriu. — Um a menos...

— Vamos lá. O Príncipe da Guerra e seu Guardião voltarão a qualquer momento, e ambos são mortais.

Zoran gesticulou escada abaixo. — Tive um vislumbre da sala de controle quando fui conduzido aos quartos de empregados. Saana nos encontrará lá.

Malin o seguiu descendo os degraus, ao longo de um labirinto de corredores, passando por uma varanda que dava para ver o salão principal, que mantinha em seu centro uma enorme árvore de folhas douradas, do tipo que ela ouvira quando criança, que a chamava, que pedia um longo olhar quando não tinha tempo para oferecê-lo.

Afastando a vista, ela arrastou Zoran através de uma sala de banquetes onde estavam vários nobres, suas gargantas cortadas, sangue pingando na comida meio comida. Servos Fae dormiam ao lado de seus mestres, também desfeitos pela potente bebida. Eles foram deixados vivos e intocados, mas não eram confiáveis para não ajudar os vampiros, sem dúvida. Saana era a melhor em seu ofício, e esses demônios estúpidos grosseiramente subestimaram os escravos recém-capturados, arrogantes demais para sequer considerar que os três vieram a este lugar com o propósito expresso de provocar a queda dos Príncipes. Talvez isto funcionasse.

Zoran conduziu Malin por outro lance de escadas, o ar ficando mais frio à medida que desciam. Quando chegaram ao andar de baixo, Zoran deu uma volta e depois outra ao longo do caminho iluminado por tochas. Eles não encontraram ninguém, exceto guardas mortos. Malin podia ouvir um som estridente que ficava mais alto quanto mais avançavam, e finalmente Zoran virou à esquerda, em uma câmara úmida.

Malin engasgou. Na frente dela havia uma enorme criatura de metal, rodas com dentes enganchados em outras rodas com dentes que poderiam se ajudar mutuamente, vigas de metal conectadas a elas, descendo na escuridão além de sua visão. Saana, que estava de pé do lado de dentro, franziu o cenho. — Achamos isso, mas não sabemos como fazê-lo se mover.

— Eu não sei o que poderia ser — disse Malin.

— Pensei que seria maior — disse Zoran. — Os portões são cinco vezes a altura desta sala, e eles devem ser centenas de vezes mais pesados. Essas rodas são grandes, mas os portões são maiores.

Malin sorriu ao examinar a maquinaria à sua frente. Ela tinha quase certeza de que sabia quem havia projetado esse animal de ferro. — Se você tiver alavancas e engrenagens para transferir força, não precisa de controles maciços.

— Mas os portões estão a uma grande distância. Como isso pode realmente abrir algo tão longe do castelo?

— Deve haver máquinas no subsolo, e mais dessas rodas dentadas nos portões. Se encontrarmos... — Malin olhou em volta. Havia algum tipo de pau subindo de duas rodas no canto que parecia estar deitado de lado, e ao lado disso uma manivela. — Os controles. Deve ser um desses.

Saana agarrou o bastão e o sacudiu, fazendo com que fizesse um ruído alto e estridente, mas apesar disso, mal se mexeu. Então ela tentou girar a roda com os mesmos resultados. — Eu já tentei.

— Deixe-me tentar — disse Malin, aproximando-se quando Saana saiu do caminho.

Zoran, mais perto do corredor, inclinou-se para fora. — Eu acho que ouvi alguma coisa. O Príncipe da Guerra pode estar voltando.

— Estamos mortos — disse Saana, embora não parecesse particularmente chateada com isso. Em vez disso, ela tirou uma faca de entalhe debaixo da túnica, a lâmina já manchada de sangue. — Mas vou levar o Príncipe da Guerra comigo.

— Não vamos embora ainda — disse Malin, que agora estava de cócoras ao lado dos controles.

— Malin já matou o Príncipe da Preguiça — disse Zoran. — Prêmio suficiente para uma primeira matança.

— Aquele príncipe não era um prêmio — disse Saana rindo. — Ele parecia um pássaro confuso para mim.

— Ele é um gênio — disse Malin, depois limpou a garganta. — Ou era, até que eu o matei. E nós precisamos avisar Ekan, porque aquele pássaro confuso criou uma arma que poderia derrotar dezenas de nós em um golpe.

— Definitivamente ouço o movimento lá em cima. Nós saímos agora ou nunca — disse Zoran. — Abrimos o portão, ou fugimos para avisar Ekan?

Malin sorriu ao examinar a elegante genialidade dos portões. Mas quando pensou no que estava prestes a fazer, seu sorriso derreteu em seu rosto. — Talvez devêssemos ir... Uma vez que os lutadores de Ekan estiverem dentro dos portões deste reino, eles serão mais vulneráveis, e até que desenvolvamos uma defesa contra essa arma, estamos enfrentando derrota quase certa — disse ela a seus companheiros rebeldes. — Nós estivemos dentro deste castelo agora. Vimos quão bem armados eles estão.

— Exatamente — disse Saana, seus olhos ferozes e brilhantes na luz fraca do corredor. — Quando Ekan tomar conta deste palácio, ele terá um estoque de armas para usar para invadir os outros reinos.

Zoran olhou para elas da porta, parecendo perturbado. — Isso significa ser o nosso ponto de partida. Toda a nossa estratégia depende de tomar este palácio.

— Além disso — acrescentou Saana, com a voz cheia de desdém.
— Os guardas são fracos. Os nobres mais fracos ainda.

— Meu palpite é que eles estarão prontos para uma luta assim que Fenris Vane perceba o que fizemos — disse Malin. — O extrato de Yula não funcionará novamente. — Ela suspeitava que o famoso Kal'Halen se certificasse disto.

— Chega — estalou Saana, brandindo sua faca. — Ekan me disse que você poderia tentar semear dúvida em nossas mentes. Ele só mandou você para essa tarefa de abrir os portões, e se pudesse ter enviado outra pessoa, ele teria. Ele me disse que apesar de toda a sua inteligência, você não tem coragem suficiente, e vejo que ele está certo. — Ela apontou a lâmina em direção aos controles enquanto olhava para Malin. — Então vou ajudá-la a completar essa missão. Faça sua parte ou vou estripá-la bem aqui!

O olhar de Malin desmontara o desenho do estojo de controle enquanto eles discutiam, imaginando-o esboçar com carvão em pergaminho em uma mão trêmula com a alegria da invenção. — Eu farei a minha parte — disse ela severamente. — Mas para o bem de todos os nossos irmãos e irmãs, devemos advertir Ekan.

— Muito bem. Apenas faça!

Malin deslizou a mão entre a alavanca e sua roda dentada e puxou o pino sulcado que o mantinha fixo. Então ela puxou outros dois pinos para liberar a manivela. Saana imediatamente inclinou-se e puxou a manivela, depois rosnou quando ficou presa. — Não funcionou!

— Acalme-se — disse Malin. — Isso foi projetado para exigir deliberada tomada de decisão, não ação impulsiva.

Saana revirou os olhos.

Malin passou alguns momentos no quebra-cabeça dos pinos, finalmente alinhando suas ranhuras e juntando-os para formar uma chave robusta. Enquanto Saana estava sobre ela, resmungando para se apressar, Malin empurrou a chave para dentro do buraco de fechadura que foi colocada no topo da carcaça da alavanca. Afastando um terrível pressentimento, ela puxou a alavanca e começou a girar a manivela.

As rodas gigantes entraram em movimento, ressoando umas nas outras, dentes pegando, cada um movendo seu vizinho à ação. Ela girou a manivela de novo e de novo, mantendo a alavanca inclinada para a direita.

— Alguém está descendo as escadas — disse Zoran. — Eles devem ouvir essas rodas. Saberão o que estamos fazendo.

— Vá pará-los — respondeu Saana. — Ela está quase pronta. — Ela estendeu a mão e agarrou o braço de Zoran. — Morra bem, irmão.

— Diga a Ekan que eu defendi nossa tribo até o fim. — E com isso, Zoran correu na direção do barulho. Malin observou-o ir com um sentimento de vazio em seu intestino. Zoran não seria o único Fae vítima desta rebelião se Ekan prosseguisse com seu plano de batalha.

As rodas estavam girando com velocidade assustadora agora. Se alguém fosse puxado em suas mandíbulas, seria esmagado em um instante. Um tremor revirou o braço de Malin quando a manivela parou abruptamente e o as rodas pararam. — Eu acho que está feito — disse ela para Saana. — Os portões estarão abertos em breve se eu estiver certa.

— Agora corremos — disse sua companheira.

Mesmo quando Saana puxou sua manga, Malin se ajoelhou ao lado dos controles com a lima afiada de Ace e fez a única coisa que conseguia pensar em dar a seu povo uma rota de fuga.

Juntas, as duas mulheres correram pelo corredor na direção oposta a Zoran, porque elas podiam ouvir brigas nas escadas. — Se eles chegarem à sala de controle, nada os impedirá de fechar os portões de novo — disse Saana.

— Errado — disse Malin, ofegante quando empurraram uma porta e se depararam em uma passagem forrada de feno que levava a um caminho estreito ao longo do lado da montanha em que o palácio foi construído, com o luar revelando um precipício no outro lado. Ela agarrou-se às pedras e deslizou o mais rápido que podia.

— Pare — gritou uma voz masculina, e as mulheres se viraram para ver um soldado no caminho, a tocha em uma mão e a espada na outra.

— Vá! — gritou Saana, empurrando Malin para a liberdade. — Avise Ekan desta arma e não falhe. — Então ela se virou para encarar o soldado.

Com o coração disparado, Malin fez o que lhe mandaram. Seus olhos ardiam e suas mãos estavam quase dormentes com frio. A luz do castelo pairando acima dela desapareceu, deixando-a com apenas as estrelas e a lua para guiar seus passos. Atrás dela, ela podia ouvir uma luta, grunhidos e o choque de metal no metal. Então ouviu um grito e as inconfundíveis batidas de um corpo caindo na encosta da montanha.

Saana.

Malin choramingou quando passos se chocaram atrás dela. Seus membros se moviam automaticamente, alimentados por vontade e desespero. Ela chegou a um lugar onde a trilha se alargava e correu loucamente, soltando um suspiro de alívio quando o caminho virou e se abriu em uma estrada da vila. Não podia acreditar na sua sorte – ela havia escapado da fortaleza de Stonehill! Agora ela só precisava continuar. Seus pés chapinharam ao longo de um beco lamacento. Além dessa dispersão de casas de palha, ela podia ouvir soldados gritando, reunidos, provavelmente tentando descobrir o que aconteceu.

Ela precisava sair deste lugar antes de fecharem os portões da cidade. Com esse conhecimento marcado em seu cérebro, ela passou um momento se escondendo nas sombras do lado de fora do que parecia ser um pub. Cavalos estavam amarrados a um trilho do lado de fora. Assim que um dos aldeões amarrou seu cavalo, subiu os degraus e entrou no pub, Malin avançou. Ela usou a lima para cortar a corda, se jogou na cela, e estava fora, inclinando-se sobre a montaria e chutando seus flancos.

Ela acenou enquanto voava, passando pelo aldeão assustado que cuidava do portão, sabendo que em um minuto ou dois, soldados chegariam com uma ordem para fechá-lo. Ela só podia torcer para que

Zoran e Saana não tivessem dado suas vidas em vão. Cabia a ela ter certeza de que não.

Na escuridão da floresta ela se guiou pelas estrelas, apenas visível enquanto andava através de ocasionais clareiras. Ela afastou os pensamentos de Ace e como ele se sentiria quando descobrisse o que ela fizera. A ferida em seu antebraço coçava e doía, lembrando-a de sua decisão de poupá-lo, o que pode ter sido seu maior erro. Ace era mais perigoso que todos os outros príncipes vampiros, se ele quisesse ser – em sua mente, ele tinha as chaves para a dizimação dos Fae, e este ataque poderia ter dado a ele todos os motivos para usá-los. Ela afastou o medo de que Ace usasse a arma sobre ela enquanto ela fugia.

Ela não tinha ideia qual era exatamente o alcance da coisa, mas viu pela sua construção o que deveria fazer – arremessar objetos pesados a distâncias incríveis. E viu o que significava arremessar – grandes bolas de metal cheias de farpas de ferro, cada uma do tamanho de seu punho. Ela sabia o que aconteceria quando uma dessas bolas caísse no chão também, como se já tivesse testemunhado – elas se estilhaçavam, enviando as farpas voando. Elas rasgariam qualquer coisa ao redor; carne, osso, homens, mulheres, cavalos, tendas, carrinhos, suprimentos. Elas choveriam a morte hedionda em qualquer alma por perto. A arma não se importaria com quem destruiria. Era um assassino cego, como uma peste ou um fogo, uma força da natureza que era totalmente antinatural.

Imaginando o que aconteceria com sua tribo se a coisa fosse desencadeada, ela instigou o cavalo, até que viu um flash de fogo à frente que revelou um homem encapuzado pisando na estrada, um arco na mão, uma flecha já encaixada. Seu coração acelerou em seu peito. Tudo o que ela tinha para se defender era a lima. E seu cérebro, se conseguisse usá-lo.

Ela freou o cavalo para diminuir o passo, mas quando se aproximou soltou um grito de alívio. O homem tinha uma barba curta, nitidamente em tom acobreado. — Ekan!

Seu irmão sorriu e abaixou o arco quando ela desmontou e correu em direção a ele. Ele jogou seu capuz para trás, revelando seus brilhantes olhos azuis. — Irmã! Onde estão os outros?

— Se foram — disse Malin, com a garganta apertada. — Eles deram suas vidas.

Ekan assentiu. — Na verdade, eu estou surpreso em vê-la viva.

— Desculpe por desapontá-lo.

Ele acenou para uma mágoa que era de anos. — Não tenho tempo para brigar com você, e eu esperava que essa missão lhe mostrasse a minha maneira de pensar.

Enquanto estavam na estrada, outros se esgueiraram da floresta, dezenas de rebeldes leais a Ekan, cercando-os, observando a estrada em qualquer direção.

Ekan varreu o braço em direção a seus lutadores. — Mas, obviamente, você abriu o portão — disse ele a Malin. — Eu estava certo em ter fé em você.

— Sim — disse ela, ainda ofegante pelo esforço das últimas horas. — E essa fé exige que você me escute agora. Eu passei a acreditar que uma invasão imediata não é um caminho sábio. Uma estratégia diferente é necessária, e agora devemos retroceder.

O sorriso desapareceu do rosto de Ekan enquanto ele olhava para os outros Fae ao redor deles. — Você não acha que isso é sensato? — Ele soltou uma risada seca. — Você acredita que só porque abriu o portão você deveria estar no comando?

Seu estômago ficou apertado. Este era o Ekan que ela conhecia, aquele que primeiro bajulava e depois assustava as pessoas para realizar sua vontade. Mas isso valia o risco de irritá-lo. — Estamos caminhando para uma armadilha, eu acredito. Os vampiros têm uma arma.

— E nós temos muitos, juntamente com a força de vontade para ver esta luta do princípio ao fim — disse Ekan, e vários dos Fae ergueram seus arcos. — Vamos chover flechas na aldeia deles e depois no palácio. Mais estão chegando agora – somos a vanguarda, mas tenho um segundo grupo, centenas, que estão se preparando para marchar pelos portões.

— Não serão centenas se o Príncipe da Guerra lançar seu novo brinquedo. Você precisa ouvir! — Malin se virou no lugar, olhando nos olhos de pessoas que ela conheceu a vida toda, homens e mulheres com quem ela caçava, ria e chorava. — Não temos que fazer isso — gritou. — Podemos buscar a paz, ou pelo menos uma estratégia mais cuidadosa! Podemos...

O golpe em suas costas foi tão forte que a derrubou no chão e roubou seu fôlego. Malin tossiu, caída nas mãos e nos joelhos, ofegando de surpresa. Ekan agarrou sua trança e ergueu sua cabeça, e ela se viu olhando para um rosto rígido de fúria. — Eu lidero esta tribo — disse ele entre os dentes cerrados. — Você é uma ferramenta para eu usar e nada mais.

Malin não conseguia mover a cabeça, mas seus olhos examinaram os Fae que os cercavam. Seus rostos estavam impassíveis, os olhos sombrios. Eles conheciam Ekan e como ele governava, e estavam com medo dele, ela sabia. Com medo de que ele se voltasse contra eles, banisse-os. — Você é um tirano — sussurrou ela. — E você será responsável por todas as nossas mortes. Você não é melhor que os vampiros. Na verdade, você é pior.

Os olhos do seu irmão brilharam de raiva quando ele levantou o punho. Foi a última coisa que Malin viu antes de estrelas explodirem dentro de sua mente e a escuridão devorá-la.



Capítulo 5

A PERGUNTA E A RESPOSTA

“Não sei o que é pior: desejar uma lembrança e perdê-la, ou abrigar uma memória que eu desejo poder esquecer... e não posso”.

— Ace Vane

Ace acordou com um sobressalto, a cabeça martelando, a visão embaçada e o gosto da morte na boca. No corredor do lado de fora, soldados gritavam para se reunirem no pátio. Estremecendo, ele tentou trazer o quarto em foco. Gotas de vermelho sangue pontilhavam o lençol rasgado ao lado dele, mas enquanto ele corria as mãos sobre seu corpo, não conseguiu encontrar uma lesão. Ele não podia...

Malin. Seu olhar foi para onde ele a havia deixado, um canto que agora continha apenas um prato vazio, uma taça cheia, um cobertor amassado no chão e um conjunto de algemas abertas.

Ace xingou quando se levantou e xingou novamente quando o quarto girou. Ele cambaleou até as escadas e segurou o corrimão enquanto seguia para o corredor, onde os soldados passavam correndo, alguns deles ainda vestindo a armadura. Ace agarrou o braço de um homem quando ele passou. — O que está acontecendo? — perguntou Ace.

— Sabotagem — disse o homem. — Espiões Fae. Envenenaram todos e cortaram as gargantas de doze homens e mulheres no refeitório. — O homem olhou para Ace. — Você está muito mal, senhor.

— Eu... o vinho. Foi o vinho, não foi?

O soldado assentiu. — Sinto muito, senhor — disse ele, puxando o braço do aperto de Ace. — Meu príncipe precisa de mim. — Ele se virou e correu pelo corredor com seus colegas soldados.

Ace encostou-se à parede e tentou se lembrar da noite anterior. Ele deixou o jantar cedo, sentindo-se terrível em deixar Malin acorrentada em seus aposentos sem sequer um cobertor para mantê-la aquecida. Não importava como ela se sentia sobre ele – ele ainda queria conquistá-la, e achava que deveria começar cuidando de suas necessidades básicas. Quando voltou para o quarto com o prato e cálice, porém, sua cabeça estava nadando. Ele mal conseguia lembrar o que aconteceu depois, embora a evidência que Malin deixou para trás indicava que ele deve ter oferecido a comida e o cobertor antes de desmaiar.

Era improvável, porém, que ele tenha lhe oferecido a chave para as algemas.

— Ace — gritou uma voz do salão de banquetes. — Ace!

Ace caminhou na direção da voz de Fen, notando nela partes iguais de raiva e desespero. Quando entrou no cômodo, ele entendeu o motivo. Corpos de nobres eram levados, deixando para trás poças de sangue nas mesas, nas cadeiras, no chão. Fen estava em sua armadura no meio da carnificina, os olhos brilhando de horror. — Doze do meu povo — disse ele em voz baixa.

— Dean — disse Ace, seu coração balançando na memória de seu irmão rindo e engolindo o vinho.

— Ele está vivo — disse Fen. — Dor de cabeça para uma vida, mas vivo.

Ace esfregou a mão no rosto. — Eu tenho uma noção de como ele se sente. Foram os escravos Fae, não foi?

— Nós pegamos e matamos dois deles — disse Fen.

O coração de Ace balançou novamente. — Oh?

— Um homem e uma mulher.

Ele mal conseguia respirar. — E a mulher? Que cor era o cabelo dela?

— Azul.

Um soco de alívio quase o deixou de joelhos, mas sua lealdade ao irmão o trouxe à tona rapidamente, e se obrigou a dizer: — Há outro, eu acho.

Fen deu-lhe um olhar sombrio. — Aquela que abria as fechaduras. Aquela que você comprou.

Ace encontrou seu olhar e assentiu. — Ela escapou.

Fen se virou e dirigiu-se a uma escada que levava a um andar inferior. — Então eu estou espantado que você ainda esteja vivo.

— Também estou pensando nisso — disse Ace enquanto o seguia, pensando nas gotas de sangue em seus lençóis. Ele não conseguia entender o que havia acontecido, só que, por algum motivo que ele estava desesperado para saber, ela não o matou quando teve a chance. — Aonde vamos?

— Eu acho que sua Fae tem trabalhado duro. — Fen desceu as escadas. O corpo do Fae alto e de cabelos verdes estava deitado contra a parede, os olhos abertos e nublados, sangue manchando seu peito, garganta e intestino.

Ace desviou o olhar. — Eles planejaram isso. Provavelmente queriam ser capturados.

— Correto — disse Fen. — E eu sei a razão. — Ele alcançou a sala de controle do portão e gesticulou para Ace entrar. — O que significa que eu preciso da sua ajuda.

Ace olhou para as engrenagens, rodas dentadas e vigas que ele projetou tão cuidadosamente, então para o invólucro onde estavam os controles. Quando viu o que foi feito, ele riu, apesar da situação.

— Isso não é bom.

Malin deveria ter feito isso. De alguma forma, ela descobriu como juntar os pinos, desbloquear os controles, e abrir os portões para os Sete Reinos – a alavanca que controlava a direção em que os portões se

moviam foi deslocada totalmente para a direita e, em seguida, ela arquivou os pinos em seus respectivos slots, tornando extremamente difícil removê-los novamente para fechar os portões. — Não é bom mesmo — resmungou Ace.

— Então os portões de Inferna estão abertos para as Terras Distantes — disse Fen. — E eu acabei de saber de um dos meus batedores que há rebeldes na floresta. Possivelmente até cem, possivelmente mais se eles estiverem entrando. Um cerco é iminente. Enviamos corvos para avisar nossos irmãos e o pai também, dizendo-lhes para bloquear os canais e se preparar para a guerra.

— Eu posso consertar os portões — disse Ace. — Só preciso de um tempo.

— Eu preciso de mais uma coisa de você agora, irmão — respondeu Fen, batendo a mão no ombro dele. — Preciso daquela sua arma. Farei com que aqueles Fae se arrependam de ter planejado esse ataque. Vou me certificar de que eles fujam do meu reino com seus rabos entre as pernas, e que eles nunca tentem algo tão ousado novamente. E você tornará isso possível.

Ace engoliu uma sensação de medo quando se lembrou do olhar no rosto de Malin quando ela viu o trabuco. Ele teve que segurar o desejo de vomitar enquanto pensava no que isso faria com o corpo dela caso estivesse com os rebeldes quando aquilo os atingisse.

Sim, ele era fiel ao seu irmão, a toda a sua família, ao seu povo.

Mas não conseguia afastar a sensação que se enraizou em seu peito. — Preciso pegar algumas partes e planos na barcaça — disse Ace. — Estarei com você assim que puder.

Fen assentiu. — Eu estarei com meus soldados. Fechamos os portões da cidade e vamos nos reunir lá... E estamos levando o trabuco. Se conseguirmos que funcione antes que a noite caia novamente, eu vou disparar ao primeiro sinal de fumaça que tiver na minha floresta.

— Justo — disse Ace. — Vou mandar meu chefe de turno, Devin, para você, para supervisionar o transporte e prepará-la.

— Mas você se juntará a nós? — perguntou Fen, encarando-o com um olhar sombrio.

— Vou me esforçar — disse Ace. — Preciso apenas fazer uma coisa primeiro. — Ele deixou Fen na sala de controle e subiu as escadas, já planejando seus próximos movimentos.

* * *

Vagar sem rumo sempre foi uma especialidade de Ace. Isso o ajudava a agitar sua mente e deixá-lo desviar para lugares de inspiração. Felizmente, ele fizera o suficiente de vagação em Stonehill para saber como sair de ambos, o palácio e a cidade, evitando os portões da frente.

Ele tinha uma pergunta, e não pararia até ouvir a resposta.

Ele fez uma parada em seu quarto e depois na barcaça que carregou o trabuco do reino dele. Não estava mentindo para Fen sobre isso, mas não foi honesto sobre o seu propósito. Agora ele rastejava ao longo de uma pequena trilha de caça fora da cidade, aproximando-se dos portões nordeste da cidade. Os rebeldes viriam do sul, e Ace era lento e cuidadoso – ele sabia que poderia haver batedores nestes bosques, e não queria terminar com uma flecha no peito.

Ele estendeu a mão e girou o botão do lado de seus óculos, aumentando a ampliação. Deu a ele uma chance muito melhor de ver o inimigo muito antes que pudessem ouvi-lo ou localizá-lo. O instrumento preso à sua cabeça também amplificava os sons ao seu redor, então ele podia ouvir o mais ínfimo estalo do menor galho sob o mais leve dos passos. Seu corpo inteiro estava tenso e pronto, suas ferramentas armazenadas na mochila nas suas costas. Se Fen estivesse certo, os rebeldes deveriam estar à frente, concentrando-se perto dos portões em preparação para um cerco. Eles estariam bem armados e determinados. Provavelmente também estariam preenchidos com um sentimento de superioridade e vitória iminente após o que Malin e os companheiros dela fizeram ontem à noite. Os três quase derrubaram Stonehill por dentro, mas faltou tempo e sorte.

E, possivelmente, sentimento. Misericórdia. Carinho. Afeição? Ace não sabia, e ele precisava fazer a pergunta, embora provavelmente não mudasse como isso terminaria.

Malin havia permitido uma rebelião.

Ele terminaria se fosse preciso.

Ele lutou contra a dor em seu peito enquanto imaginava encará-la novamente. Ele só a conhecia por um dia, mas a conexão que sentiu era palpável, inconfundível. Eles podem estar em lados diferentes, de diferentes raças, mas eles se encontraram em um lugar onde nada disso importava, o reino da mente. Da invenção. Criação. Inspiração. Ela era o espelho dele. Ela poderia torná-lo melhor.

Ele queria bater o punho em uma pedra com a perda daquele sonho.

Em vez disso, ele subiu a trilha até avistar o movimento centenas de metros à frente, e deu um passo atrás do tronco de uma árvore robusta para observar. Contar. Avaliar.

Usando as alavancas do equipamento ocular, calculou as distâncias. Os rebeldes estavam posicionados em cento e cinquenta metros do portão, cento e três metros a sudoeste, quarenta e cinco metros a oeste da estrada principal que leva à cidade. Havia pelo menos cinquenta lutadores. Um pequeno grupo. Provavelmente altamente treinado. Ace achava que mais viria e logo. Esta não era uma força sobre a qual poderia construir um cerco.

O sol começava a afundar no céu e o ar esfriava. Ace podia ver sua respiração enquanto exalava. O Fae provavelmente acendia fogueiras para se aquecer, e era assim que Fen saberia onde mirar. Devin saberia como ajudá-lo – seu ajudante entendia o motor a vapor e como calcular a tensão, a trajetória e o contrapeso com base na massa da carga útil. Ace não tinha muito tempo para evitar o abate.

E talvez não o fizesse. Mas a resposta à sua pergunta ajudaria a decidir.

Ace se aproximou um pouco mais da banda de rebeldes. Havia alguns postados nos perímetros, observando a floresta. Ace estava longe

o suficiente para permanecer invisível até dos olhos mais afiados, mas seus óculos de proteção lhe permitiram ver a aparência de cada face, a tensão em volta de cada boca, o conjunto determinado de cada mandíbula.

Estranhamente, eles tinham um prisioneiro amarrado a uma árvore perto da frente do acampamento, mais próximo da parede. Era um dos batedores do Fen? Ace ajustou a configuração de ampliação para obter uma visão mais clara. Não era um vampiro.

Era Malin.

Ela era guardada por dois combatentes. Seu rosto estava machucado, sua boca sangrando, mas sua cabeça estava levantada e ela falava agudamente para um homem andando na frente dela, um com olhos azuis e cabelos marcantes da mesma cor de Malin. Os dedos de Ace afundaram na casca da árvore em que se escondia enquanto observava o homem dar um passo à frente e golpear Malin no rosto.

Ace olhou para a muralha da cidade quando ouviu a familiar tosse e o som de seu assassino a vapor. Fen provavelmente estava pressionando Devin para deixar o trabuco pronto – após o assassinato em massa de seus nobres, ele não gostaria de ser visto como fraco. Ele gostaria de esmagar a ameaça. Não porque era cruel, no entanto. Ace conhecia Fen há tempo suficiente para entender que o Príncipe da Guerra não se divertia com a morte por mais que ele acreditasse que fosse um evento necessário às vezes. E se matar todos e cada um destes rebeldes de maneira sangrenta e dolorosa atingisse o medo nos corações dos outros o suficiente para impedi-los de atacar os Sete Reinos no futuro, Fen acreditaria que isso era uma coisa boa.

Pode ser uma coisa boa, mas não agora, não aqui, não hoje, não com Malin amarrada a uma árvore e provavelmente sendo a primeira vida que seu trabuco reivindicaria.

Ace necessitava falar com ela – ela era a única pessoa que poderia oferecer a ele o que precisava agora. Tudo o que ele precisava fazer era afastar os outros dela.

Ainda bem que ele sabia exatamente como fazer isso. O ruim era que ele deveria se aproximar e conseguir não ser morto. Grato pela escuridão, Ace avançou, examinando a floresta, procurando olheiros ou outras ameaças. Sua lupa de som levou vozes para ele do acampamento de Fae. Eles discutiam sobre a horda de rebeldes que logo se juntariam a eles do sul, esperando a chegada deles dentro de algumas horas. Seria quando o ataque começaria.

Ace estava a cem metros de distância de Malin quando um rebelde Fae saiu na frente dele. Robusto e musculoso, o sujeito tinha cabelos vermelhos e olhos negros, e quase arrancou a cabeça de Ace com o primeiro ataque de sua faca. Ace atirou-se para trás enquanto puxava a rede de propulsão de suas costas, e já estava puxando o gatilho quando seu corpo atingiu o solo rochoso. A rede de seda voou de seu invólucro e envolveu o Fae, e Ace foi para cima e em seu inimigo dentro de um segundo, apertando o tecido em volta do pescoço dele. Ele torceu e, em seguida, arrancou com toda a sua força. — Desculpe — disse ele ao Fae ao ouvir o estalido de um pescoço, o fim de uma vida.

Desagradável, mas ele não tinha escolha.

Ele deixou o Fae flácido e parado no chão da floresta. A escuridão era espessa agora, ajudada pelo dossel de ramos acima. Eles bloquearam bem a luz, mas forneceria pouca proteção dos arames de ferro farpado que voariam do invólucro de aço ao atingir o chão.

Ace se ajoelhou atrás de uma pilha de pedras para colocar sua estratégia em movimento. Ele puxou outra ferramenta de propulsão de sua bolsa e avaliou suas opções. Então ele prendeu um cartucho no final da ferramenta e puxou o botão de tensão para trás. Apontou o dispositivo para uma árvore larga bem na borda da estrada principal, uma centena de metros ao sul do campo rebelde. Quando puxou o gatilho, a ferramenta disparou com um estalo suave, enviando o cartucho em direção ao seu alvo. Ele puxou o arnês para proteger seus ouvidos do que viria a seguir.

A floresta ecoou com vários estalos altos. Mesmo sem o auxílio de lupas de som e visão, Ace podia ouvir o alarme dos rebeldes, o ruído de botas quando vários deles se afastaram do acampamento. Excelente.

Agora para a parte difícil. Ace prendeu ainda outro cartucho na ponta de sua ferramenta de propulsão e mirou novamente. Ele podia ouvir o conteúdo do cartucho se deslocando para dentro enquanto tirava sílex e aço mais leve do bolso. Um golpe criou a faísca que acendeu o fusível pendurado no pequeno corpo de metal do cartucho. Então segurou perto da boca e sussurrou: — Por favor, funcione.

Ele saiu de trás das pedras e apontou para um local talvez a cinquenta metros do acampamento ao leste. Outro pop suave. Duas batidas do coração dele.

E então um som que lhe trouxe alegria. Assobiando. A fumaça preta do cartucho aumentando acima das árvores em poucos segundos.

Enquanto pelo menos uma dúzia de rebeldes vasculhava a mata ao sul, procurando a fonte dos ruídos, Ace ouviu alguns outros indo procurar o som de assobios. Má sorte para eles.

Ele avançou, movendo-se de árvore em árvore até ficar a menos de dez metros de onde Malin estava amarrada. Ele se agachou e esperou.

O trabuco era em grande parte uma fera silenciosa, mas Ace soube o momento em que se mexeu. Um deslizamento e um sussurro, uma fenda afiada de madeira sobre a madeira quando chegou ao final de seu arco, e o apito de horror quando a morte se aproximou.

Ele caiu através dos galhos e atingiu o chão perto da bomba de fumaça com o clang e zing de metal, e depois o eco de gritos agonizantes.

O acampamento inteiro se tornou um caos agitado no espaço de um segundo, e Ace aproveitou sua chance. Ele correu para Malin e se agachou ao lado dela, puxando uma faca de seu cinto e cortando suas amarras enquanto ela olhava para ele boquiaberta e em choque. Então ele a colocou de pé, arrancando as cordas soltas de seu corpo e segurando-a perto dele. Ela gemeu quando ele agarrou seus antebraços e ele a liberou para ver que sua manga estava manchada com uma fina

linha de sangue. Ele puxou a manga, revelando uma bandagem improvisada feito de seu lençol.

— Uma pergunta — disse ele. — Você fingiu me matar na noite passada?

— O que você está fazendo aqui? — Seus olhos escuros estavam redondos e aterrorizados enquanto seu povo clamava e gritava do outro lado do acampamento.

— Pensei ter deixado isso claro. Eu vim para obter uma resposta sua. — Enquanto falava, Ace puxava outro cartucho e anexava-o ao dispositivo de propulsão. Ele precisava dar outro alvo a Fen. Após acender o pavio e disparar outro cartucho de fumaça a cerca de vinte metros ao sul do acampamento, voltou-se para Malin.

Ela estava piscando para ele, sua boca abrindo e fechando antes de convocar suas palavras. — Sim. Eu me cortei e disse a eles que havia cortado sua garganta.

Ele se aproximou dela. — Por quê?

— Pensei que você tivesse apenas uma pergunta!

Ele a agarrou pelos ombros. — Por quê? Eu tenho que saber.

Ela olhou para ele. — Você sabe por que, vampiro. Você também sente.

Ele estremeceu com a certeza disso enquanto olhava para a boca dela. Este era o pior momento para um beijo, mas...

— Cuidado! — gritou Malin.

Ace jogou os dois para o lado e rolou, terminando em cima de Malin. Ele levantou a cabeça a tempo de ver o Fae de olhos azuis seguindo em direção a eles com um machado na mão. — Eu sabia que você era fraca, Malin — disse o Fae. — Mas eu não sabia que você também era uma traidora.

Ace se levantou para encarar o homem. — Você provavelmente deve tirar o seu pessoal daqui — sugeriu Ace. — Caso contrário, todos morrerão.

O homem levantou as sobrancelhas, parecendo divertido, mesmo quando outro ruído e apito indicava que uma segunda bomba de aço

estava prestes a pousar. — Você não tem espada, vampiro. — Ele se encolheu quando a bola bateu, quando mais pessoas gritaram, mas em vez de correr para ajudar os feridos, o homem continuou acenando o machado para Ace. — Quem vai morrer?

— Ugh — disse Ace. — Isso é muito trabalho.

E com isso, ele deixou seus instintos assumirem. Ele poderia não ser um soldado, mas foi criado para ser. Um assassino com presas, devastadoramente forte, estranhamente rápido. Ele abaixou o arco do machado do homem e se lançou para ele, um grunhido passando por seus dentes agora afiados como navalhas.

Acabou muito rapidamente. Ace soltou um suspiro pesado e enxugou as mãos ensanguentadas em suas calças. Sua vítima jazia gorgolejando e agarrando a garganta a alguns metros do machado caído. Quando Ace se virou, Malin pegou o machado do chão sem poupar um olhar ao homem moribundo enquanto ele dava seu último suspiro trêmulo. Segurando a arma, ela deu um passo em direção a Ace.

— Venha comigo — deixou escapar. — Eu falei sério antes. Nós poderíamos fazer grandes coisas juntos, e me perdoe por dizer isso, mas eu não acho que seu pessoal tenha tratado você da maneira que merece. — Sem pensar muito nisso, ele colocou uma mecha solta de cabelo acobreado atrás da orelha e inclinou seu queixo para olhar o rosto dela na luz escorrendo da cidade murada.

Malin deixou que ele a tocasse. Ao redor deles, os rebeldes Fae estavam em desordem, gritando um para o outro *protejam-se, recuem*, pedindo ordens e não recebendo resposta. Outra bomba voou da cidade e pousou perto da primeira, mas houve menos gritos desta vez, já que a maioria dos rebeldes havia fugido mais fundo na floresta.

Neste momento, eles estavam sozinhos.

Malin olhou ao redor deles. — Você disparou fumaça para que as bolas batessem fora do nosso acampamento em vez de bem no meio dele.

Ace gesticulou para o antebraço dela. — E você não me estripou enquanto eu dormia. Eu diria que estamos quites.

Ela mordeu o lábio. — Ace...

— Venha comigo — disse ele novamente. — No meu reino você nunca seria tratada como uma escrava.

— Mas eu ainda seria uma escrava — disse ela baixinho.

— Eu protegeria você. Eu faria tudo certo.

— Nunca é certo quando uma pessoa é dona de outra. Eu não acho que você quer isso, de qualquer maneira.

Ele abaixou a cabeça. Não estava pronto para admitir que isso era verdade, porque significava deixá-la ir.

Ela se inclinou e roçou os lábios contra os de Ace. — Meu povo precisa de mim. E o seu precisa de você.

— Seu povo te amarrou em uma árvore, Malin.

Ela apontou o machado para o homem morto a seus pés. — Ele fez isso. Meu irmão, Ekan. Ele liderou os rebeldes até aqui. Foi ele quem me enviou para encontrar uma maneira de abrir os portões dos Sete Reinos.

— Bem, eu acho que ele não era completamente estúpido — disse Ace com tristeza. — Ele certamente mandou a melhor pessoa para esse trabalho.

Ela sorriu. — Pensei que você poderia apreciar minha obra.

— Um pouco demais, eu temo. Eu deveria estar muito zangado com você e, em vez disso, estou encantado.

Seus olhos castanhos brilharam, e estendendo a mão, ela pegou as mãos calejadas dele. — Eu acho que sei como você se sente.

Ele grunhiu. — Isso vai doer, não é?

— Sim — disse ela. — Mas nós vamos esquecer.

— Duvidoso.

— Inevitável.

Ele sorriu e ela também. Então ele a abraçou e a beijou, saboreando alguns momentos de perfeição e apenas... se.

— Levarei os rebeldes para as Terras Distantes — disse ela quando ele levantou a cabeça. — Com Ekan morto, eles olharão para mim.

— Estamos com problemas então — disse Ace com uma risada.

— Estou mais interessada em ajudar meu povo a viver bem do que pedir que morram por uma causa perdida.

Ace suspirou. Ele nunca havia questionado o certo e o errado do governo dos vampiros em Inferna. Não era culpa deles que foram amaldiçoados e lançados nesta terra. Eles tiveram que fazer um lugar para suas pessoas quando aumentaram. Precisaram encontrar uma maneira de sobreviver, e ele sequer uma vez lamentou por isso. Agora, no entanto, era doloroso, sabendo que a liberdade vinha a esse custo.

Relutantemente, Ace se afastou de Malin. — Preciso voltar — disse ele. — Não será bom se você for vista com o inimigo.

Ela assentiu. — Vou tirá-los daqui. Mas você vai parar a chuva de ferro, apenas por tempo suficiente para nós escaparmos?

Eu farei mais do que isso, ele pensou. — Sim — disse ele em voz alta. Então sorriu tristemente. — Viva bem, Malin.

Ela sorriu. — Viva bem, Príncipe Ace. Em outra vida...

— Outra vida — disse ele. — Justo.

Ele cerrou os dentes, virou e voltou para a cidade, deixando um pedaço do seu coração para trás.

* * *

— Ace — chamou Fen quando ele subiu os degraus de pedra para a câmara de Ace. — Você está aqui?

Ace se sentou abruptamente e limpou o sono fingido de seus olhos. — O quê?

Fen gemeu. — Seu trabuco. Ele não funcionou corretamente. Onde você esteve?

— Bem aqui. Devo ter caído no sono. O que aconteceu? — Ele balançou os pés no chão e olhou para seu irmão, que ainda vestia sua capa e armadura de couro.

— Nós fomos avaliar os danos ao acampamento rebelde. Nossa mira não foi ótima – houve poucas baixas dos Fae. A maioria dos rebeldes

já se foi há muito tempo, mas pode haver outros escondidos na floresta. Quando voltamos ao trabuco, não conseguimos recomeçar.

Ace esfregou o cabelo na nuca. — Vou dar uma olhada. Eu odiaria te deixar com uma arma que não é confiável, pode ser perigoso.

— Mmm — disse Fen, possivelmente pensando sobre o que havia acontecido com Riladin. — Foi espetacular enquanto durou, no entanto. Podemos não ter matado muitos, mas o dano...

Ace levantou a mão. — Você não precisa me dizer.

Os olhos de Fen se estreitaram. — Um dos mortos não foi atingido com quaisquer farpas, no entanto. Ele parecia ter tido a garganta arrancada.

Ace colocou os dedos sob as coxas, esperando ter limpado adequadamente o sangue embaixo de suas unhas. — Estranho.

— Sim — disse Fen, olhando para ele com firmeza. — Extremamente estranho. — Seus dedos se fecharam ao redor do cabo da espada. — Estou levando um grupo de soldados e indo para o sul para garantir que não haja mais invasores rebeldes no caminho, e para recuperar os corpos dos guardas do portão que provavelmente encontraremos no limite. A partir de agora vou postar arqueiros nessa parede para evitar que algo assim aconteça novamente. Quanto tempo você precisa para fechar os portões?

— Não deve demorar muito. Tudo que eu preciso é um ímã e algumas outras ferramentas. — Por agora, Malin deveria estar em segurança nas Terras Distantes. Ele não sabia muito sobre ela, mas sabia o suficiente para acreditar que ela levaria as pessoas para longe do perigo, possivelmente para lutar outro dia, e definitivamente viver bem e forte até aquele momento. — Posso fazer isso na hora que você enviar o sinal.

— Vou colocar uma sentinela aqui para vigiar, então. — Fen sorriu. — Você pode tirar outra soneca enquanto espera, se quiser. — Ele se virou e saiu do quarto.

Ace caiu na cama e olhou para as vigas de madeira do teto. A mão dele escorregou dentro do bolso e tirou o fecho da válvula que ele removera do mecanismo de trabuco enquanto Fen e seus soldados

procuravam do lado de fora da muralha. — Outra invenção fracassada — disse ele, cansado. — Suponho que terei que me certificar disso. — Algumas coisas nunca devem ser inventadas em primeiro lugar, e decidi que o trabuco movido a vapor era uma delas.

Ele fechou os olhos e pensou nos últimos dias, na tragédia do seu Guardião, na sua última jornada pungente na Terra, em Malin e como ela partiu agora, como provavelmente nunca a veria novamente. — Não sei o que é pior — murmurou. — Desejar uma lembrança e perdê-la, ou abrigar uma memória que eu desejo poder esquecer... E não posso.

O Príncipe da Preguiça soltou um suspiro profundo. Tudo se resolveria com o tempo, e enquanto esperava, ele vagaria, sonharia, inventaria e faria o melhor para viver bem, como prometera.